



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – *CAMPUS XIV*

LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

JOZIARA ARAÚJO ALMEIDA

O CAMINHO DA FÉ:

A formação de redes de sociabilidade entre os membros da Assembléia de Deus no povoado de Santa Rosa (1992-2012)

Conceição do Coité – Bahia

2013

JOZIARA ARAÚJO ALMEIDA

O CAMINHO DA FÉ:

A formação de redes de sociabilidade entre os membros da Assembléia de Deus no povoado de Santa Rosa (1992-2012)

Monografia apresentada ao Departamento de Educação, *Campus XIV*, Curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, como instrumento de avaliação para obtenção do grau de Licenciada.

Orientação: Professor Igor José Trabuco da Silva.

Conceição do Coité - Bahia

2013

Agradecimentos

A Deus, fiel companheiro, que sempre me ajudou, sobretudo nos momentos mais difíceis no árduo processo de desenvolvimento deste trabalho. Concedeu-me inspiração, estímulo, força e paciência para continuar nesta tarefa até o fim.

Meus agradecimentos são intensamente afetuosos a todos que de maneira direta ou indireta contribuíram para o desenvolvimento de trabalho. A todos que ofereceram apoio, compreensão, ajuda e incentivo nesta intensa caminhada.

Aos meus familiares pelo valioso apoio oferecido em todos os momentos: aos meus pais, Adnólia e Joeliton, que sempre foram os maiores incentivadores para o meu ingresso na faculdade, me ensinaram a percorrer os caminhos da vida com garra, determinação, honestidade e dignidade; à minha irmã Tainá, sempre disposta a ouvir minhas angústias e aflições durante o processo de escrita deste trabalho. Aos tios, tias, primos, primas e avós.

Às amigas de longas datas Ioná, Thaíse e Rosiele, que sempre estiveram presente incentivando e ajudando. Aos amigos Dener, Lílian, Adriele e Naiara pela amizade.

A Márcio, meu amor, companheiro, amigo, colega, ofereceu um forte estímulo emocional. Suas palavras de incentivo e encorajamento foram essenciais para trilhar este caminho tão difícil.

Aos professores e colegas da Graduação em História na UNEB pelo agradável convívio durante esse processo de formação.

Ao professor Igor José Trabuco, um agradecimento especial, cuja orientação foi um fator imprescindível para a conclusão deste trabalho. Pelo empenho, estímulo e ajuda. Por ter lido pacientemente as minhas ideias e me indicado os melhores caminhos para a realização da pesquisa.

Aos membros da Assembleia de Deus de Santa Rosa, em especial ao pastor Jorge Bernardes e à Fabiane Rodrigues, abriram-me as portas da igreja e confiaram na credibilidade do meu trabalho, sempre atendendo às minhas solicitações com muita simpatia e disposição.

Aos meus entrevistados que colaboraram com suas falas e ofereceram uma importante contribuição para este trabalho.

A todos que ajudaram deixo os meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

Este trabalho analisa as relações sociais tecidas entre os membros da Assembléia de Deus no povoado de Santa Rosa, situado no município de Conceição do Coité/BA, durante os anos de 1992 a 2012. Para tanto aborda as representações de mundo construídas pelo grupo, baseadas nos significados atrelados às suas crenças. As questões pontuais levantadas foram a organização assembleiana em torno dos usos e costumes que contribuíram para a formação identitária do grupo, a constante vigilância a que os membros estão sujeitos e as disputas no interior do campo religioso. Estudar uma denominação local possibilitou entender, a partir das relações sociais, uma coletividade de pessoas que estão unidas através de crenças em comum, compartilhando experiências, práticas e rituais. Por outro lado, constatou-se a existência de questionamentos sobre as regras comportamentais da igreja por parte dos fieis impulsionando modificações na Assembléia de Deus.

Palavras chaves: Assembléia de Deus, Santa Rosa, usos e costumes.

ABSTRACT

This paper analyzes the social relations woven between the members of the Assembly of God in the village of Santa Rosa, located in the city of Conceição do Coité / BA, during the period of 1992 to 2012. To address both representations of the world built by the group, based on the meanings linked to their beliefs. The specific questions were raised about the Assembly of God organization customs and practices that contributed to the formation of group identity, the constant surveillance that members are subject and disputes within the religious area. Study a local name enabled to understand, from social relations, a collective of people who are united by common beliefs, sharing experiences, practices and rituals. Moreover, it was found that there are questions about the behavioral rules of the church by the faithful driving changes in the Assembly of God.

Keywords: Assembly of God, Santa Rosa, customs.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Grupos religiosos que os assembleianos participavam antes da conversão..	29
Tabela 2 - Fiéis que frequentam outros grupos religiosos.....	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	07
CAPÍTULO 1 – A Assembléia de Deus e o campo religioso em Santa Rosa.....	15
1.1 O perfil da Assembléia de Deus.....	15
1.2 Estrutura da Assembléia de Deus	21
1.3 Os rituais e símbolos da Assembléia de Deus.....	22
1.4 A competição do campo religioso.....	26
1.5 Formação e desenvolvimento da Assembléia de Deus em Santa Rosa.....	28
CAPÍTULO 2 – Assembleianos em Santa Rosa: as redes de sociabilidade.....	32
2.1 Os fieis da Assembléia de Deus – entroncamento sociocultural.....	32
2.2 Atuação Social da Assembléia de Deus em Santa Rosa.....	37
2.3 “Salvando as almas”: as práticas de evangelização.....	39
2.4 Representação do “mundo” pelos assembleianos: análise do discurso elaborado..	41
CAPÍTULO 3 – Costumes: um lugar de reconhecimento.....	47
3.1 A Assembléia de Deus e os usos e costumes.....	47
3.2 A disciplinarização e a representação do pecado.....	53
3.3 Doutrinas e costumes: a fragilidade das fronteiras.....	57
3.4 Usos e costumes como padrão de identidade do crente da Assembleia de Deus.....	59
3.5 Costumes: debates e questionamentos.....	62
CONSDERAÇÕES FINAIS.....	65
FONTES	67
REFERÊNCIAS.....	68

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa analisar a influência do grupo religioso pentecostal da Assembléia de Deus, no âmbito social e cultural, no povoado de Santa Rosa, localizado no município de Conceição do Coité no estado da Bahia, no período de 1992 a 2012. O recorte temporal foi escolhido devido, sobretudo, à disponibilidade das fontes. Além disso, o período contempla uma fase marcada pelos conflitos resultantes da moral assembleiana e pela exposição de diversas mídias no cenário social, o que atraiu os assembleianos, gerando conflitos. Para atingir o objetivo, será necessário entender as práticas adotadas pelos adeptos desta religião evangélica, dando ênfase aos seus costumes e visão de mundo. Os objetos de estudo são os moradores do povoado e a Igreja Evangélica Assembléia de Deus.

Esta pesquisa contempla aspectos relacionados à religião, que se configura em um fator bastante influente dentro das sociedades, sendo, por isso, objeto de estudo de vários pesquisadores. O campo religioso é delimitado por uma série de fatores que não se limita apenas a questões de fé. A religião abrange vários setores da vida do ser humano, influenciando e sendo influenciada por suas áreas sociais, culturais e políticas. “A religião assumiu posição central para a compreensão social, pois ela não se limita a um espaço fechado. Seu poder de alcance se tornou bastante amplo, interferindo tanto no social quanto no político”. (SILVA, 2009, p. 15)

Dessa forma, o religioso é um elemento cultural responsável por nortear diversos aspectos do social, adquirindo um lugar de destaque na vida do ser humano, na medida em que assume o papel de propagador de ideologias, costumes e representações que influenciam profundamente no comportamento e na visão de mundo de seus adeptos.

A Assembléia de Deus foi fundada no Brasil pelos missionários suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg em Belém do Pará no ano de 1911 sob o nome de Missão da Fé Apostólica. (ROLIM, 1994, p. 28) Compõe, juntamente com a Congregação Cristã do Brasil, a primeira vertente do pentecostalismo neste país, denominado pentecostalismo clássico:

O pentecostalismo brasileiro pode ser compreendido como a história de três ondas de implantação de igrejas. A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). Estas duas igrejas tem o campo para si durante 40 anos, pois suas rivais são inexpressivas. A Congregação, após grande êxito inicial, permanece mais acanhada, mas a AD se expande geograficamente como a igreja protestante nacional por excelência,

firmando presença nos pontos de saída do futuro fluxo migratório. (FREESTON, 1993, p. 66)

O pentecostalismo teve como centro irradiador a Rua Azuza em Los Angeles, na Califórnia, no ano de 1906:

A Rua Azuza transformou-se em poderosa fogueira divina, onde centenas de milhares de pessoas de toda a América, ao chegarem atraídas pelos acontecimentos e para ver o que estava se passando ali, eram batizadas com o Espírito Santo, e ao retornarem para as suas cidades levavam essa chama viva que alcançava também outras cidades. (CONDE, 2000, p. 21)

Os pentecostais têm como principal característica a constante busca pelo Batismo no Espírito Santo, cuja principal evidência seria a glossolalia (falar em línguas estranhas). Regina Reyes Novaes destaca que, apesar da diversidade de costumes entre os evangélicos pentecostais, eles carregam em comum a esperança na segunda vinda de Cristo e a crença na capacidade de cura da ação do Espírito Santo. Dentro de suas igrejas, os pentecostais se manifestam através do falar em línguas estranhas (glossolalia), das palmas, dos louvores e dos movimentos corporais. (NOVAES, 2001, p. 69)

O presente trabalho foi fundamentado nos estudos da História Cultural e, através da análise da influência da religião no campo social, buscou a valorização dos sujeitos na História. Para tanto, foram utilizados como referencial teórico os trabalhos do historiador E. P. Thompson e do sociólogo Pierre Bourdieu, que deixaram importantes contribuições para o diálogo entre História, sociedade e cultura.

Segundo Bourdieu a religião pode ser entendida como um sistema de comunicação e instrumento de conhecimento, que é um aparelho simbólico estruturante a permitir um consenso entre certos símbolos e seus respectivos significados. (BOURDIEU, 1974, p. 28)

Em sua obra, Bourdieu discute o conceito de campo e, a partir deste defende a ideia de *habitus*. A utilização do conceito de campo possibilita a análise de um determinado espaço social específico. Para Bourdieu, os elementos de um determinado campo, que são divididos por classe, grupo ou sexo, estão envolvidos em uma permanente luta pela legitimação. Essa legitimidade, como no caso religioso, passa pelo domínio e posse de um elemento simbólico específico.

Tendo em vista que o interesse religioso tem por princípio a necessidade de legitimação das propriedades vinculadas a um tipo determinado de condições de existência e de posição na estrutura social, as funções sociais desempenhadas pela religião em favor de um

grupo ou de uma classe, diferenciam-se necessariamente de acordo com a posição que este grupo ou classe ocupa a) na estrutura de relação de classe e b) na divisão do trabalho religioso. (BOURDIEU, 1974, p. 59)

Sendo assim, o autor demonstra que a estrutura do sistema religioso assume o papel de instrumento de legitimação e imposição de dominação de uma classe sobre a outra. Portanto, o campo religioso executa não apenas a demanda religiosa relacionada a ações e práticas mágicas, mas também atende a funções de caráter ideológico que abrangem as várias relações estabelecidas entre os grupos e classes sociais.

No caso da Assembléia de Deus, a denominação, para ganhar reconhecimento e legitimidade no campo religioso brasileiro, adotou uma ética comportamental bastante conservadora, baseada em um conjunto de símbolos e valores que se pautavam em uma visão própria da realidade.

Segundo Bourdieu, a função social da religião “se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificação de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte”, mas, sobretudo, porque esperam dela uma resposta que justifique sua existência em uma determinada posição social, “em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes”. (BOURDIEU, 1974, p. 48). Portanto, função social da religião, como aponta Bourdieu, se relaciona profundamente com a busca pelas respostas das perguntas que mais intrigam o ser humano ao longo de sua existência.

A adesão à Assembléia de Deus durante muito tempo foi motivada, sobretudo, pela busca dos indivíduos por um espaço onde pudesse resgatar a sua dignidade social em uma sociedade altamente opressiva e individualista. Através de um discurso esperançoso, a denominação conseguiu conquistar um público marcado pela exclusão e pela opressão.

Os estudos do campo religioso apresentam uma grande complexidade, visto que, a religião ocupa um lugar de destaque na vida dos indivíduos, pois ela é responsável por conduzir a elaboração, através de elementos sociais e morais, das representações de mundo de seus membros.

Segundo Bourdieu, o campo pode ser entendido como em ambiente estruturado de posições onde os agentes envolvidos estão inseridos em uma relação de concorrência:

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições podem lançar mão do capital simbólico na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um hábito religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustado aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2007, p. 57)

Nesse sentido, foi observada no campo religioso de Santa Rosa uma relativa disputa entre as diversas formas de religiosidade para monopolizar os bens de salvação e ganhar legitimidade dentro do povoado.

Em vista dessa grande influência do campo religioso sobre os diversos aspectos do social, tornou-se necessária uma aproximação entre a História da Religião e vários outros campos do estudo como a Sociologia, Filosofia e Antropologia. Nesse aspecto, Thompson oferece uma importante contribuição para a elaboração de uma metodologia que estabeleça uma relação entre a pesquisa histórica e as diversas outras áreas das ciências humanas. O autor em um de seus trabalhos estudou o folclore e a cultura popular na Inglaterra, nos séculos XVII e XVIII, período em que o uso dos costumes era bastante forte. (THOMPSON, 2001, p. 229)

Ao analisar a cultura plebeia inglesa antes da Revolução Industrial, Thompson mostrou a realidade de um mundo ainda não dominado pelas ideias capitalistas, dando ênfase às experiências de sujeitos comuns, que durante um longo período foram excluídos do processo histórico:

Á medida em que alguns atores principais da história – políticos, pensadores, empresários, generais – retiram-se da nossa atenção, um imenso elenco de suporte, que suponhamos ser composto de simples figurantes, força sua entrada em cena. Se nos preocuparmos apenas com o tornar-se, então há períodos históricos inteiros em que um sexo foi negligenciado pelo historiador, pois as mulheres são raramente vistas como atores de primeira ordem na vida política, militar ou mesmo econômica. Se nos interessarmos pelo ser, então a exclusão das mulheres reduziria a história à futilidade. (THOMPSON, 2001, p. 234)

Um dos grandes objetivos de Thompson ao estudar a cultura popular é mostrar que uma análise economicista pode provocar sérios erros, visto que, “ao considerarmos o costume somos levados a problemas impossíveis de ser apreciados dentro da disciplina de história econômica”. (THOMPSON, 2001, p. 230)

Dessa forma, o autor coloca a importância da história social e cultural, além de defender a aproximação da História com as ciências sociais, ao mesmo tempo em que enfatiza os limites desse diálogo.

No decorrer deste trabalho foram abordadas algumas categorias de análise dos teóricos Roger Chartier e Michel Foucault, como Representação, Discurso e Vigilância. Tais conceitos ofereceram suporte para a compreensão das relações tecidas entre os fiéis da Assembléia de Deus, bem como da visão de mundo que a denominação possui.

Segundo Chartier, as representações são regidas por uma mentalidade coletiva, demonstrando que as estruturas sociais, políticas e econômicas são, ao longo do tempo, construídas a partir de diversos discursos e práticas articuladas por grupos ou instituições que se apropriam de um determinado aparato simbólico para construir realidades próprias. (CHARTIER, apud COUTO, 2001, p. 19) No caso da Assembléia de Deus, a cúpula da igreja apoderou-se de um conjunto de elementos morais e sociais para desenvolver uma realidade de mundo particular para seus fiéis.

O conceito de discurso converge com esta análise no momento em que Foucault considera que uma mesma formação discursiva é responsável pela construção de um conjunto de enunciados. (FOUCAULT Apud FISCHER, 2001, p. 201) Nessa perspectiva tenta-se compreender o discurso da Assembléia de Deus a partir de uma articulação de práticas, crenças e visão de mundo.

Tomou-se também de empréstimo o termo vigilância de Michel Foucault. O ato de vigiar nas estruturas institucionais, seja de maneira implícita ou explícita, viabiliza o poder de disciplinar (FOUCAULT, 1987, p. 58). Na organização interna da Assembléia de Deus, a cúpula da igreja utiliza o conjunto de normas e conduta para exercer uma forte disciplina sobre os fiéis. É importante também destacar que, nesse contexto, os próprios fiéis são os principais atores dessa vigilância.

As referências teóricas apontadas serão de fundamental importância para tentar entender como os membros da Assembléia de Deus de Santa Rosa se organizam internamente e se relacionam com os demais moradores do povoado. Buscou-se compreender como esses religiosos criaram sua representação de mundo social, vinculadas à realidade religiosa vivida. Além disso, a presente pesquisa procurou fazer uma análise dos costumes, ao mesmo tempo em que, deu ênfase à trajetória de sujeitos comuns, abrindo espaço para a discussão da história vista de baixo.

No processo de elaboração da pesquisa serão utilizadas fontes de extrema importância para a concretização do trabalho. O Livro de Atas das reuniões dos

membros da igreja proporcionará um melhor entendimento sobre mentalidade e sobre os padrões hierárquicos e de organização do grupo religioso em questão, além de revelar aspectos relacionados aos costumes, doutrinas e padrões morais.

Destaca-se também a importância da História Oral para a elaboração da pesquisa, pois é importante meio através do qual os sujeitos envolvidos no processo histórico ganham voz, transformando-se em parte integrante da história. As entrevistas feitas com os membros da Assembléia de Deus de Santa Rosa, além de fornecer muitas informações sobre a denominação e o povoado, permitem perceber a visão de mundo dessas pessoas e a forte relação com a religião evangélica que possuem.

A memória é uma das mais importantes fontes que proporcionam vez e voz àqueles que, ao longo do tempo, foram oprimidos ou esquecidos do processo histórico. A utilização da História Oral na pesquisa foi, portanto, importante para visualizar e valorizar os atores sociais e percebê-los como sujeitos atuantes de suas próprias histórias. O livro Manual de História Oral de Verena Alberti ofereceu o suporte técnico necessário para realizar e analisar as entrevistas. Além disso, demonstrou a importância de trabalhar com essa fonte:

Mas o que vem a ser, afinal, esse método-fonte-técnica tão específico? Se podemos arriscar uma rápida definição, diríamos que a história oral é um Método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. [...] Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas e etc. à luz de depoimentos de pessoas que dele participaram ou os testemunharam. (ALBERTI, 2005, p. 18)

Portanto, a fonte oral é um importante meio através do qual os sujeitos que participaram do contexto histórico dão o seu parecer sobre os fatos. Ao utilizar esse tipo de fonte, entretanto, é de fundamental importância a adoção de técnicas adequadas que norteiem a preparação e realização das entrevistas, bem como as devidas análises.

As Lições Bíblicas, revista de uso dominical da Assembléia de Deus com textos de leituras diárias para serem debatidas na Escola Dominical revelam o discurso adotado pela igreja sobre os mais variados temas que abrangem os aspectos internos do grupo e aspectos relacionados à cultura tida como secular.

Ao longo do texto serão utilizados diversos outros conceitos, tais como: normas, forma acordada, repetível de se fazer algo; costumes, conjunto de regras comportamentais estabelecidas por um grupo; doutrinas que se constitui no ensino

bíblico normativo (GILBERTO, apud COUTO, 2001, p. 83), denominação “que se refere ao grupo religioso como um todo, no caso a Denominação Assembléia de Deus se refere ao conjunto assembleiano” (SILVA, p. 26, 2009), pentecostais, grupo evangélico que se caracteriza pela ênfase no dom das línguas, rigorosidade nas vestimentas, discurso de separação do mundo e forte presença dos elementos espirituais em seu cotidiano (PASSOS, apud CORREA, p. 48, 2006); protestantes, entre outros.

Alguns trabalhos oferecem suporte para a compreensão do universo dos pentecostais e fornecem dados importantes sobre a trajetória do protestantismo no Brasil. Destaque aos estudos de Emílio Conde que abordou a história das Assembléias de Deus no Brasil. Regina Reyes Novaes estudou a realidade pentecostal brasileira.

A obra *Orar e Vigiar*, de Clari Couto, foi importante para entender a questão dos usos e costumes adotados pela denominação. Seu trabalho tem por objetivo desvelar um grupo minoritário que comunga práticas conservadoras, enfatizando a maneira como o grupo exerce a sua crença e os discursos que foram sendo construídos pela cúpula da igreja ao longo do tempo.

Cartaxo Rolim, em seu livro *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*, apresenta importantes questões referentes ao universo pentecostal da Assembléia de Deus, possibilitando um melhor entendimento dos elementos que configuraram o espaço sócio-cultural onde a denominação se implantou e se desenvolveu.

Outros trabalhos serviram como memória. Emílio Conde com seu livro sobre a história das Assembléias de Deus no Brasil e Jacione Mascarenhas Oliveira com seu trabalho memorialista ofereceu dados importantes sobre a Assembléia de Deus em Santa Rosa.

Este trabalho está organizado em três partes: No primeiro capítulo foram discutidas questões referentes à organização da Assembléia de Deus e ao campo religioso em Santa Rosa.

Estudamos como a denominação surgiu e se desenvolveu no povoado com o intuito de demonstrar a importância da religião evangélica assembleiana na vida dos moradores do povoado e as disputas que ocorrem no interior do campo religioso.

O segundo capítulo teve como objetivo analisar a influência do grupo religioso pentecostal da Assembléia de Deus no âmbito social e cultural no povoado de Santa Rosa. A partir de diversas fontes foram abordadas questões referentes à atuação social da igreja e ao relacionamento dos assembleianos com os demais moradores da localidade.

Abordamos o discurso adotado pela denominação que marca sua visão de mundo caracteristicamente espiritualista. Os fieis assembleinos são fortemente influenciados pelo pentecostalismo que concebe o mundo um lugar perigoso e repleto de armadilhas criadas pelo Diabo. Em vista disso, foi elaborado um conjunto discursivo que objetivava manter os membros da Assembléia de Deus afastados das práticas mundanas tidas como pecaminosas.

No terceiro capítulo foi abordada a Doutrina dos usos e costumes na Assembléia de Deus como uma questão de identidade e pertencimento. São discutidas questões referentes disciplinarização, representação do pecado e padrão de identidade.

Foi revelado, ao longo do texto, o comportamento do grupo baseado em uma ética comportamental bastante conservadora. A Assembléia de Deus se apropriou de elementos morais e éticos para construir uma identidade peculiar a partir da articulação das práticas existentes, possibilitando o desenvolvimento de uma maneira própria de estar no mundo.

CAPÍTULO I

A ASSEMBLÉIA DE DEUS E O CAMPO RELIGIOSO EM SANTA ROSA

Pretende-se neste capítulo analisar os aspectos ligados à atuação da Assembléia de Deus e ao campo religioso em Santa Rosa, bem como os diversos rituais e símbolos adotados pela denominação que são percebidos, sobretudo, na organização dos trabalhos religiosos e na postura da membresia na sociedade local.

A análise do histórico do surgimento e do desenvolvimento da Assembléia de Deus no povoado será feita no sentido de enfatizar a importância e grau de influência da denominação sobre os moradores da comunidade. Serão evidenciadas as disputas no campo religioso que são permeadas pela oposição dos diferentes tipos de religiosidade.

1.1 O perfil da Assembléia de Deus

A Assembléia de Deus, fruto do movimento pentecostal americano formada em 1901, estruturou-se como uma igreja de padrões rígidos, “se caracteriza pela ênfase no ‘dom das línguas’, a crença no retorno de Cristo, na salvação paradisíaca, no forte apelo ao sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo, além do grande antagonismo à igreja católica” (CORREA, 2006, p. 62).

O “dom das línguas” consiste em falar línguas estranhas, é um dom concedido por Deus aos fiéis após o batismo pelo Espírito Santo. A crença na salvação paradisíaca se resume na esperança do crente de após a morte ter uma morada eterna no paraíso, lugar reservado para as pessoas que permanecerem fiéis a Deus. Os adeptos da religião adotam um discurso de separação do “mundo”, que representa um lugar perigoso e propício às investidas do diabo. É importante ressaltar também que muitos destes aspectos perderam peso com a institucionalização da Assembléia de Deus e a sua interação social.

Os membros da Assembléia de Deus acreditam na Salvação eterna que é alcançada pelo fiel através do arrependimento de seus pecados e pela busca da santificação. Para tanto, os mesmos devem manter uma vida de oração, leitura da Bíblia Sagrada e afastamento das práticas mundanas. Acreditam no:

Batismo do Espírito Santo, que é uma das promessas do Senhor para todos os crentes que vivem na graça; com a cura divina (I Atos dos Apóstolos), recebe o dom de curar os enfermos e libertação de oprimidos pelo demônio, também seguindo os quatro evangelhos de curas realizadas por Jesus e seus apóstolos, e o arrebatamento da Igreja, eles esperam a segunda vinda de Jesus Cristo para serem arrebatados e receber a coroa da glória eterna. (CORREA, 2006, p.63)

A Assembléia de Deus é herdeira do movimento reformado de Lutero, tem a Bíblia Sagrada como a principal fonte de fé e sua expansão no Brasil começou pelas áreas mais pobres: “A religiosidade pentecostal assembleiana instalada no Brasil, teve uma ação na periferia dos centros urbanos, procurava através do proselitismo intenso, a sua clientela nas áreas mais pobres das cidades”. (MENESES, 1995, p. 23)

O principal fator que favoreceu a instalação dos assembleianos nos locais mais carentes foi o predomínio do catolicismo nas regiões mais desenvolvidas do país. Os cultos católicos do período estavam praticamente voltados para as camadas burguesas, constituindo os centros urbanos em “fortalezas da fé católica” (ROLIM, 1994, p. 29). Restando aos assembleianos se instalarem na periferia urbana onde, aos poucos, foi conquistando a simpatia da população que lá residia.

Segundo Cartaxo Rolim a Assembléia de Deus foi ganhando espaço no cenário religioso brasileiro graças, sobretudo, à estrutura interna do grupo, através do qual cada membro tem um papel fundamental para a propagação do evangelho:

A iniciativa de simples crentes servia de mola propulsora. Não se esperava que o templo fosse construído primeiro para depois se iniciarem os cultos. Na casa de crentes ou de alguns amigos, em terreno baldio, dava-se começo ao culto para atrair simpatizantes (ROLIM, 1994 p. 46).

Essa questão pode ser constada na Assembléia de Deus de Santa Rosa, antes do templo ser construído no povoado já se realizavam cultos na casa dos moradores que haviam se convertido a religião evangélica¹. Dessa forma, o evangelho era propagado mais rapidamente.

Com relação à organização institucional na Assembléia de Deus existem a Convenção Nacional, de caráter representativo, que se reúne duas vezes por ano para tomar decisões de natureza administrativa e a Convenção Estadual comandada por um presidente eleito por pastores e evangelistas para ocupar o cargo por dois anos.

Em cada cidades há Campos ou Ministérios, que em geral, são formadas por uma instituição sede e congregações. O pastor de um

¹ Entrevista feita com Martina Florinda de Assis concedida ao pastor Edvaldo Santos – s/d.

campo ou ministério, ou de apenas uma comunidade, ocupa igualmente a liderança pastoral e a presidência administrativa. Ele é escolhido pelo pastor presidente regional sem consultar os membros. (COUTO, 2001, p. 58)

No interior das denominações os fiéis comuns têm grandes possibilidades de atuação na denominação, seja através de cargos da igreja ou simplesmente tendo oportunidade de se pronunciar durante os cultos. Isso se torna significativo no discurso religioso do grupo, pois é um importante fator de atração de novos fiéis.

A divisão do trabalho religioso também foi outro importante fator responsável pelo crescimento da denominação. Na realização do culto todos os membros tem a possibilidade de expressar seus pensamentos, sentimentos e experiências com Deus:

Orações espontâneas, cada um orando com suas próprias palavras, crentes podendo pregar nas igrejas e não apenas pastores, depoimentos, acolhimento fraternal dado pelos integrantes do grupo aos visitantes, cânticos, simples crentes lendo a Bíblia (não importava se soletravam) e também pregando. Esse conjunto de elementos tocava a sensibilidade de simpatizantes, bem acolhidos à entrada do templo. (ROLIM, 1994, p. 30)

Tais aspectos representavam um importante ponto de sedução para a população pobre. Em uma sociedade marcada por uma forte marginalização, a igreja representava um espaço social onde esses indivíduos teriam um lugar de destaque, onde eles seriam ouvidos e poderiam dividir suas experiências com pessoas que enfrentavam problemas em comum. Além disso, eles também encontravam no pregador uma maneira de falar semelhante a sua e o púlpito agora era um lugar acessível, diferentemente do que ocorria no catolicismo. Portanto, a Assembléia de Deus atuou no sentido de conquista da população pobre que não era contemplada pela prática católica, chegou onde essa religião pouco atuava.

Dessa forma, ao pentecostalismo brasileiro foi atrelada uma condição “religião dos pobres”. Regina Novaes coloca que, no cenário marcado por problemas relacionados às drogas, ao desemprego, ao crime e à pobreza, a conversão religiosa tem o lugar de destaque. Nesse contexto, a autora destaca o papel missionário dos fiéis:

Várias pesquisas já demonstraram que são os evangélicos os que mais chegam nas margens da sociedade. Chegam a lugares onde nenhuma outra instituição religiosa ousa se aproximar. Estudos demonstraram também que são apenas eles que – ao fazer nascer novas e independentes denominações - provocam dinâmicas agregadoras locais sem contar com nenhum recurso material e simbólico externo. (NOVAES, 2001, p. 69)

Nas últimas décadas, a Assembléia de Deus “tem passado por um processo de ascensão social” (FRESTON, 1993, p. 75), marcada pela conversão de pessoas pertencentes às altas classes sociais. A denominação vem atravessando um processo de institucionalização, principalmente na política, cujo ápice foi a reestruturação da Convenção Geral em modelos mais burocráticos. A Assembléia de Deus possui uma grande influência dentro do campo religioso brasileiro e, atualmente, é a igreja evangélica que comporta o maior número de fiéis, com 12.314.410 membros segundo os dados do censo 2010 do IBGE.

Sobre a quantidade de membros Freston afirma que:

A Divisão de Missões Estrangeiras da AD-EUA publica estatísticas para todos os países onde possui missionários. Segundo os dados de 1990, os Estados Unidos possuem 2 milhões de assembleianos; nenhum país estrangeiro chega perto disso exceto o Brasil, o qual registra 14.400.000 membros. Nem seus irmãos americanos escondem a descrença: ‘Os brasileiros, como registrados pela igreja nacional... são difíceis de verificar independentemente. O Brasil não realiza um censo nacional desde 1980’. Nossa estimativa seria em torno dos 7 milhões. (FRESTON, 1993, p. 76)

Entretanto, apesar da AD ser um dos grupos pentecostais mais organizados por terem livro de membros e enviar carta de mudança e/ou de recomendação quando o membro sai de uma congregação assembleiana para outra, os dados numéricos em relação ao número de fiéis ainda é muito flutuante.

A denominação tem um papel de destaque na política brasileira, conforme pontua Freston:

A influência política está garantida por muito tempo seja qual for o futuro: se continuar crescendo, pelo peso numérico; se estagnar, acelerando o processo de reformulação teológica, pela conversão do seu mais amplo público em alvo de projetos políticos rivais de conteúdo mais nitidamente ideológico. (FRESTON, 1993, p. 76).

Apesar da presença esmagadora das mulheres, a Assembléia de Deus proíbe sua participação nos cargos eclesiais e no ministério pastoral, funções exclusivas dos homens. As mulheres têm direito apenas de serem membros e executar algumas atividades, tais como, dirigir círculos de oração, cultos e coordenar escolas dominicais.

No trabalho de Sara dos Anjos sobre o Círculo de Oração em Feira de Santana é destacado a importância das mulheres como sustentáculo da Assembléia de Deus, enfatizando sua participação em grupo de oração:

Legitimando seu espaço não só na família, mas na sua comunidade de fé, essas mulheres encontram no Círculo um pacto de ajuda mútua, ajudando a expandir o Evangelho, orando umas pelas outras, chorando juntas pela conversão dos seus filhos ou maridos, elas na verdade estão negociando e reelaborando sua identidade feminina, pois seus valores, suas crenças, atitudes, representações que elas possuíam a respeito de si própria antes de pertencerem a essa Denominação, e através dos quais se reconheciam e eram reconhecidas são substituídas, acomodadas, reelaboradas, constituindo, portanto, a identidade dessas mulheres que foi construída a partir de sua experiência religiosa. Nesse processo da reelaboração de identidade o Círculo de Oração era um espaço privilegiado. (FERREIRA, 2008, p.41)

Ao estudar a identidade feminina na Assembléia de Deus, Célia Santana Silva afirma que o discurso conservador da denominação sobre os papéis sociais reservados aos homens e mulheres “sugere um paradoxo entre emancipação feminina e reforço do lugar tradicionalmente ocupado pela mulher na comunidade religiosa” (SILVA, 2001, p. 01). Seu texto, no entanto, busca fugir de modelos prontos e acabados que mostram que a Assembléia de Deus é um vínculo de opressão feminina, partindo para analisar como nos comportamentos tradicionais pode-se encontrar um leque de possibilidades e estratégias, tais como perceber como o pentecostalismo influencia as mulheres a desenvolver estratégias de resistência ao sistema social e de busca pelo seu espaço dentro das igrejas.

O fato das mulheres não ocuparem os cargos eclesiásticos da Assembléia de Deus é concebido a partir de diversos pontos de vista pelos membros da igreja no povoado de Santa Rosa. Como exemplo trago o depoimento de duas fiéis: Thaíse Araújo coloca que tal proibição faz parte da tradição da igreja e diz que não se sente injustiçada, pois as mulheres na Assembléia de Deus “tem poder para falar em qualquer culto, podem ser cantoras, pregadoras, líderes de departamentos, missionárias, professoras da escola Bíblica Dominical. [...] As mulheres só não ocupam o cargo de diaconisa, presbitério e pastorado”².

Os cargos da Assembléia de Deus obedecem a uma ordem hierárquica. O primeiro estágio é o de diácono cujas atribuições são de porteiro, coletor de ofertas e dízimos, recepcionista e dirigente de um departamento da igreja. O cargo presbitério se constitui no segundo estágio, cujas principais funções são administrações de uma congregação, visitação aos enfermos e participação no ministério da igreja. O topo na hierarquia eclesiástica assembleiana é o pastorado. O pastor é responsável pela

² Entrevista de Thaíse Araújo, concedida em 20 de setembro de 2012.

administração de um campo, composto pela sede e pelas demais congregações. (LOPES, 2008, p. 89)

Outra fiel da Assembléia de Deus, Rosiele Silva Almeida vê essa proibição como um preconceito contra as mulheres, sustentado pelo tradicionalismo assembleiano:

Eu acredito que em relação a esses cargos os líderes da igreja pensam da mesma forma, que como tem cem anos esse costume de apenas os homens poderem exercer esses cargos dentro da igreja, então isso não pode ser mudado. Mas acredito que têm mulheres hoje dentro das igrejas que desenvolvem trabalhos até mesmo melhores que os homens. Então, dessa forma, as mulheres deveriam também ter a oportunidade de desenvolver tais cargos.³

A tradição é, portanto, um aspecto muito importante para a manutenção da identidade assembleiana. Os costumes da Assembléia de Deus são sustentados pela cúpula da denominação graças ao forte conservadorismo que atua no sentido de evitar transformações na organização e na estrutura do grupo.

As falas das fiéis apontam dois caminhos, ambos de resistência das mulheres assembleianas: o primeiro revela que a mulher pode ocupar seu espaço na Assembléia de Deus através de diversos cargos. O outro é um descontentamento interno, possibilitando o desejo de uma possibilidade de ordenamento de pastoras na denominação.

É importante pontuar a fala de um fiel do sexo masculino sobre o assunto. Ronaldo Oliveira coloca que a proibição das mulheres ao cargo de pastor não tem respaldo bíblico, é um costume da igreja. Contudo, tal proibição não impede que as mulheres desenvolvam outros trabalhos na igreja.⁴ Na fala de Ronaldo é possível notar pontos em comum com a visão das duas fiéis retratadas acima, resultado da convivência no mesmo ambiente social.

Outro aspecto que caracteriza a Assembléia Deus é o conjunto de usos e costumes adotados pelos membros da denominação que são percebidos, sobretudo, nos trajes, conduta e postura dos adeptos. Consiste em um padrão de comportamento responsável por dar aos fiéis o sentimento de pertencimento, que contribui para a formação de uma identidade coletiva do grupo, sendo, portanto, uma marca importante para diferenciar os crentes da denominação.

³ Entrevista de Rosiele Almeida, concedida no dia 28 de março de 2013.

⁴ Entrevista com Ronaldo Oliveira, concedida em 02 de outubro de 2012.

1.2 Estrutura da Assembléia de Deus

Com relação aos mecanismos administrativos e eclesiásticos, seguem o Estatuto Geral da Assembléia de Deus, sendo que cada congregação local possui também seu próprio estatuto. No que se refere à organização institucional

O grupo em debate conta com a CGADB⁵ e as convenções regionais. Aquela se reúne uma vez por ano para tratar de assuntos de cunho eclesiástico e administrativo e não possui poderes para interferir nas Convenções Regionais, nem para intervir em assuntos locais – é um órgão apenas normativo; estas possuem duas reuniões anuais em seus estados: no fim do primeiro semestre para ‘congraçamento espiritual’ e no fim do segundo semestre com o intuito de se tomarem decisões de natureza administrativa. A Convenção Nacional possui o seu presidente eleito por pastores e evangelistas, normalmente para mandato bienal. (COUTO, 2001, p. 58)

A escolha dos líderes da hierarquia religiosa da Assembléia de Deus, composta por pastores, evangelistas, presbíteros, diáconos e auxiliares, não conta com a participação dos membros e isso provoca, muitas vezes, conflitos dentro das congregações quando as mesmas não se satisfazem com a escolha do líder. Conforme Pierre Bourdieu o campo religioso está repleto de tensões envolvendo a hierarquia do grupo, composto pelos detentores do poder simbólico (pastores) e os leigos:

A concorrência pelo poder religioso deve sua especificidade (em relação, por exemplo, à concorrência que se estabelece no campo político) ao fato de que seu alvo reside no monopólio do exercício legítimo do poder de modificar em bases duradouras e em profundidade a prática e a visão do mundo dos leigos, impondo-lhes e inculcando-lhes um habitus religioso particular, isto é, uma disposição duradoura, generalizada e transferível de agir e de pensar conforme os princípios de uma visão (quase) sistemática do mundo e da existência. (BOURDIEU, 2007, p. 88)

A organização interna da Igreja é herança da estrutura oligárquica do governo predominante no período de sua instalação no Brasil. “Sua prática gestora coronelista e ‘caudilhesca’ adota, em todo território nacional uma estrutura de ‘igrejas-mãe’ e ‘congregações dependentes’”. (SOUZA, 2010, p. 72)

⁵ Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. É uma sociedade civil de natureza religiosa, sem fins lucrativos que visa dentre outras coisas promover a união e o intercâmbio entre as Assembléias de Deus, atuar no sentido da manutenção dos princípios morais e espirituais inspirados na Bíblia, zelar pela observância da doutrina bíblica, incrementando a evangelização e estudos bíblicos, manter a Casa Publicadora das Assembléias de Deus e propugnar pelo seu desenvolvimento, promover e incentivar a proclamação do Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, no Brasil e no exterior, promover o desenvolvimento espiritual e cultural das Assembleias de Deus e manter a unidade doutrinária, promover a educação em todos os seus níveis e a assistência filantrópica, exercer ação disciplinar sobre os seus membros. Fonte: <http://www.cgadb.com.br/>

Além disso, ao longo do tempo, os líderes religiosos adotaram diversos discursos que visavam tornar os membros da igreja mais submissos e obedientes a seus líderes espirituais como pode ser constatado no trecho abaixo, extraído no livro das atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa:

Prosseguindo com o trabalho, foi concedida a oportunidade ao superintendente José Ferreira que nos explicou o significado de hierarquia, dizendo-nos que a casa de Deus precisa de administração e que se administrarmos só com o coração não dá certo mas temos que usar a cabeça e os membros da igreja deverão ser submissos aos que estão à frente do trabalho. Precisamos ter compromisso com a obra de Deus amando-nos uns aos outros, trabalhando na casa de Deus com amor, porque quando um não quer tem sempre alguém para realizar o trabalho. E maldito aquele que faz a obra do Senhor relaxadamente.⁶

Para conseguir ser pastor o membro precisa passar por outros estágios: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista, pastor. Não há uma formação especializada para se chegar ao cargo de pastor. Freston, coloca que

A escada de aprendizado é forte meio de controle social nas mãos dos pastores-presidentes. A subida costuma ser lenta. Os pastorados geralmente são curtos até chegar a pastor-presidente; estes ficam 20 ou 30 anos. (FRESTON, 1993, p. 73)

1.3 Os rituais e símbolos da Assembléia de Deus

A igreja evangélica Assembléia de Deus constitui um grupo religioso institucionalizado que possui um conjunto de práticas rituais percebidos, sobretudo, na divisão do trabalho eclesial, bastante hierarquizado.

O ritual do culto ocorre com a chegada dos fiéis que “começam a orar em voz alta, em brados, chorando e orando em línguas. O pastor toca a sineta fazendo cessar as orações e inicia-se o culto, marcado por canto, pregações e testemunhos, seguido de orações e coletas”. (CORREA, 2006, p.66)

As atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa revelam um pouco da organização dos cultos na localidade:

Aos dezessete dias do mês de abril de 1998, aproximadamente às 20:00 horas, sob a direção do superintendente Levi Oliveira Leite que deu oportunidade ao presbítero Anastácio Lopes da Silva para cantar o hino 301 da harpa cristã. Em seguida, o irmão Levi Oliveira Leite leu a palavra de Deus em I Cor. C 5 e V 5 à 10, elevando assim a Deus em oração. Foram dadas as oportunidades para os grupos Estrela da Manhã e Arautos da Fé cantarem ao Senhor. Continuando o

⁶ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa. 08 de Maio de 2001, p. 45.

superintendente desta igreja nos falou um pouco sobre a palavra lida: que Deus nosso Senhor está sempre nos preparando para que nesta noite nos reunamos e ninguém vai à igreja por acaso, vem sempre com o propósito de buscar a presença de Deus. E falou mais palavras bonitas e confortáveis aos nossos corações⁷.

Através da leitura do fragmento acima se pode identificar diversos elementos rituais do culto assembleiano, como orações coletivas, leitura da Bíblia, canto e pregação. Tais elementos são considerados de fundamental importância para o desenvolvimento do trabalho religioso, são direcionados exclusivamente para a adoração a Deus e para a expansão do seu “reino”. Mas, além desses, existem outras características, típicas do comportamento pentecostal, tais como: a glossolalia (falar em línguas), as curas divinas e o ato de profetizar. Tais manifestações são dons espirituais que Deus concede ao crente, sendo que a concessão destes está relacionada à vontade do Espírito Santo, como traz a Lição Bíblica Dominical, fonte de estudo na Assembléia de Deus d

e Santa Rosa:

Os dons espirituais acham-se disponíveis à Igreja de Cristo (AT 2.39). Entretanto, não esperemos recebê-los como prêmio por algum serviço prestado a Deus. Sua concessão não depende dos méritos pessoais; depende única e exclusivamente da vontade soberana do Espírito Santo (I Co 12.7). Ele quer que o utilizemos para edificação, exortação e consolação da Igreja de Cristo, a fim de que esta cumpra a missão redentora que lhe confiou o Senhor (Mt 28. 19, 20; 16. 17-20). (CPAD, Lições Bíblicas Jovens e adultos, 2º trimestre de 2011, p. 35)

Portanto, os dons espirituais não são concedidos por merecimento do crente, mas pela soberania de Deus. Há uma crença de que esses dons são manifestações do Espírito Santo e são entregues às Igrejas para o fortalecimento e santificação de seus membros. Essa ideia pôde ser observada na fala de Thaíse Araújo, membro da Assembléia de Deus de Santa Rosa, ao colocar que:

Os dons espirituais são dons concedidos por Deus, por meio do Espírito Santo. [...] Todos esses dons contribuem para o crescimento da obra de Deus. Aqueles que recebem o dom são aperfeiçoados e amadurecem espiritualmente, e logo percebem a sua missão ou o chamado que Deus lhe reservou. Os demais, ou seja, a igreja de forma geral também são abençoados. Recebem da parte de Deus bênçãos através da atuação e do poder do Espírito Santo.⁸

⁷ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa. 17 de Abril de 1998, p. 05.

⁸ Entrevista com Thaíse Araújo, concedida em 20 de setembro de 2012.

Os evangélicos assembleianos acreditam que Deus confere a determinadas pessoas o dom de profecia, que se constitui em receber mensagens divinas. De acordo com a Revista Bíblica dominical o dom de profetizar é

[...] uma manifestação momentânea e sobrenatural do Espírito Santo, como um dos dons espirituais prometidos, e não um ministério. O maior valor da profecia é que ela, sendo de Deus, ao contrário das línguas estranhas, uma vez proferida, edifica a coletividade e não unicamente o que profetiza. (CPAD, Lições Bíblicas Jovens e adultos, 3º trimestre de 2010, p. 56).

Assim, os fiéis da Assembléia de Deus entendem que a profecia é uma revelação divina. Quem profetiza está falando em nome de Deus e, portanto, transmitindo ao povo a sua vontade. O Ministério Profético consiste na transmissão dos comunicados divinos. Os membros da denominação acreditam que Deus escolhe pessoas para falar em Seu nome mensagens que contemplam os elementos mais comuns de uma profecia bíblica, os quais consistem das revelações quanto o futuro, bem como mensagens de fortalecimento, encorajamento, repreensão e advertência.

Os testemunhos públicos se constituem em uma importante característica dos cultos assembleianos. Através deles o fiel compartilha com todo o grupo religioso fatos ocorridos em sua vida ou na vida de pessoas próximas. Em geral, tais depoimentos são marcados

[...] por uma “interferência do sobrenatural”, podendo ser a cura de uma doença identificada pela medicina que não conseguiu curá-la; a resolução de uma crise familiar; a resolução de problemas financeiros graves. Todos os grupos pentecostais utilizam-se desse instrumental nos seus rituais, como forma de contabilizar “capital simbólico”, viabilizando prestígio para o grupo na relação com outros grupos, ou para o fiel na relação com outro fiel. (MENESES, 1995, p. 17)

A jovem Thaíse Araújo relata ter vivido uma experiência de cura espiritual durante um culto:

Algum tempo atrás, eu descobri um nódulo no meu pescoço, logo depois da descoberta comecei a orar e a pedir ao Senhor que me libertasse daquela enfermidade. Passaram-se alguns meses e fui participar de uma vigília em que um pastor, que recebeu de Deus o dom da cura, estaria lá. No decorrer do culto, ele convidou as pessoas que estavam enfermas para se aproximarem do púlpito, e eu fui. Quando ele começou a orar recebi algo muito forte da parte de Deus, fui anestesiada e logo cai ao chão, e comecei a sentir algo mexendo no meu pescoço. Fui realmente anestesiada, senti os mesmos sintomas que havia sentido quando fiz uma outra cirurgia alguns anos atrás. No dia seguinte percebi que o nódulo que era bem visível, tinha sumido. Quando tive oportunidade na igreja, no culto dos jovens, eu contei o que havia ocorrido para a igreja. É sempre bom compartilhar com nossos irmãos aquilo que Deus faz nas nossas vidas, é uma forma de

externar a nossa alegria e de fortalecimento da fé dos demais, para que os que estão esperando o seu milagre, creiam que Deus também fará o sobrenatural, o impossível acontecer na vida deles.⁹

O depoimento acima demonstra a importância dos testemunhos públicos para os membros assembleianos. Os fiéis acreditam que, ao dividir suas experiências com os irmãos da igreja estarão os incentivando a prosseguirem buscando algo que desejam através da fé em Deus. Além disso, também se pode perceber que o sobrenatural é uma característica marcante na vida dos evangélicos da Assembléia de Deus.

É importante destacar que a atuação divina ocorre em todos os campos da vida do fiel, inclusive no da medicina. Ao estudar a representação do processo saúde-doença entre os pentecostais de Assembleia de Deus em Feira de Santana, Maria Izabel Sampaio coloca que

O processo saúde-doença entre os pentecostais baseia-se na observância aos dogmas religiosos, ou seja, manter-se saudável ou restabelecer a saúde significa estar ou entrar em harmonia com o divino, sendo a doença entendida, também, como consequência direta do pecado, mas, não como fator único e absoluto. (SAMPAIO, 2003, p. 21)

Portanto, na visão dos assembleianos, para que os indivíduos se mantenham saudáveis, ou para recuperarem sua saúde é necessário que eles estejam em comunhão com Deus. Além disso, entendem a doença como resultado direto do pecado, mas, não o veem como único fator.

Outro ponto importante no culto da Assembléia de Deus é o chamado “momento do apelo”, através do qual se faz um chamado para que as pessoas não evangélicas “aceitem a Jesus” e passem a fazer parte do grupo. Para os fiéis a partir do momento em que um indivíduo “aceita a Jesus” e se arrepende de seus pecados ele adquire a salvação eterna e terá um lugar garantido no céu ao lado do Criador após sua morte:

[...] somos hoje uma nova criatura e somos diferentes, por isso não devemos nos associar com as coisas do mundo. As trevas não tem comunhão com a luz. Nos falou também que nós devemos ter fidelidade perante a Deus e não ser crente fanático, pois a Bíblia diz que não devemos ser demasiadamente ímpio e nem demasiadamente justo.¹⁰

Portanto, a doutrina da igreja reconhece a pecaminosidade do homem que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra de Jesus Cristo poderá restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19). Há, na verdade, a necessidade de

⁹ Entrevista com Thaíse Araújo, concedida em 20 de setembro de 2012.

¹⁰ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa. 12 de Maio de 2000, p. 32.

um “novo nascimento” pela fé para que o indivíduo possa alcançar a salvação. (Jo 3.3-8).

O novo nascimento se dá a partir da conversão que marca o início da identidade pentecostal. Depois que a pessoa desfruta dessa experiência já é considerada alguém diferente que deve passar a seguir os padrões de comportamento estipulados pela igreja:

A experiência da conversão marca o início de uma nova vida onde o passado é renegado e a opção exclusiva por ser crente implica “viver como um crente”. A valorização negativa do passado em contrapartida com a valorização positiva do presente leva cada um dos escolhidos a realizar sua identidade religiosa no outro, naquele que teve a mesma experiência de conversão e que optou pelo mesmo 'caminho estreito'. (NOVAES apud MINA, 2004, p. 85)

O ritual do batismo ocorre de duas formas: o batismo por imersão para adultos, através do qual o indivíduo passa a ser reconhecido como membro, o que lhe possibilita participar da Santa Ceia e das reuniões onde são tomadas importantes decisões sobre a denominação local e o batismo pelo Espírito Santo que confere ao crente o dom de falar em línguas estranhas. (CORREA, 2006, p.64)

1.4 A competição do campo religioso

A Assembléia de Deus se constitui em um grupo que possui uma grande capacidade de competição no interior do campo religioso, sendo capaz de adquirir significativos espaços nos variados segmentos da sociedade. A consolidação do pluralismo religioso no Brasil “está relacionada ao fenômeno da emergência dos evangélicos, sobretudo dos grupos pentecostais que, engendrando um novo padrão de competição religiosa, forçou a reconfiguração do campo religioso”. (CONRADO, 2009)

Para uma melhor compreensão dos assuntos ligados à complexa dinâmica que envolve os assuntos ligados à religiosidade será considerado o conceito de campo pautado nos estudos de Bourdieu que entende a religião como um sistema de produção simbólica, sendo o campo religioso um lugar de competição por um capital simbólico.

Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instâncias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do capital religioso na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um habitus religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações, segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja,

objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social. (BOURDIEU, 2007, p. 57)

A noção de capital simbólico da religião relaciona-se à ideia da existência de um mercado religioso permeado por demandas e ofertas. Nesse sentido, a lógica de mercado das instituições religiosas possui o propósito de ofertar bens de salvação, segurança e bem estar, visando à acumulação de capital simbólico que lhe possibilite sair vencedora na disputa no interior do campo religioso.

A diversidade religiosa no Brasil é algo bastante nítido e, neste cenário de pluralismo que compõe a sociedade brasileira, as igrejas pentecostais lançam mão de diversos artifícios para adquirir legitimidade e conseguir um lugar de destaque dentro do campo religioso nacional. A Assembléia de Deus, assim como outros grupos evangélicos,

são agentes religiosos que precisam acumular capital simbólico para terem a possibilidade de serem ouvidos por determinado público que busca viver uma experiência religiosa. A performatividade do discurso de ambas depende desse aparato simbólico que possuem. (MINA, 2009, p. 40)

Seguindo a lógica de capital de mercado, as igrejas, através de diversas estratégias e do discurso oficial, vão buscar combater e pôr em descrédito os grupos religiosos que lhes oferecem um maior perigo dentro do campo religioso brasileiro. Nesse sentido a Assembléia de Deus na busca por sua valorização no cenário religioso concebeu a sua atuação pautada em aspectos do sobrenatural e em regras de moral baseadas nos ensinamentos bíblicos.

Em Santa Rosa a Assembléia de Deus vem, ao longo dos anos, buscando se legitimar no campo religioso do povoado. Através da apropriação de elementos simbólicos propagados através do discurso religioso a denominação conquista a simpatia de diversos adeptos que se convertem na esperança de ter uma vida melhor e de aprofundar o seu relacionamento com Deus, como fica evidenciado na fala da fiel: “Sempre gostei da denominação. Gostava e achava bonito a maneira como realizavam os cultos, a parte litúrgica dos cultos chamavam a minha atenção e me fazia sentir a presença de Deus”¹¹.

Dessa forma, o discurso da Assembléia de Deus é um importante mecanismo para alcançar mais adeptos e através disso, a denominação consegue ganhar mais visibilidade dentro do campo religioso local.

¹¹ Entrevista com Thaíse Araújo, concedida em 20 de setembro de 2012.

1.5 Formação e desenvolvimento da Assembléia de Deus em Santa Rosa

A presença protestante no Brasil pode ser percebida já no período colonial com a vinda de huguenotes franceses para o Rio de Janeiro, no século XVI e de calvinistas holandeses para o nordeste, no século XVII, como aponta Elizete da Silva:

As incursões de protestantes no território brasileiro, durante o período colonial, ocorreram de forma esporádica e vinculadas às guerras religiosas decorrentes da Reforma Protestante e da política mercantilista da Europa moderna. Huguenotes no Rio de Janeiro, no século XVI e calvinistas em Pernambuco, no século XVII, fundaram comunidades evangélicas efêmeras, as quais duraram o tempo da ocupação francesa e holandesa. (SILVA, 1998, p. 26)

Após a independência do Brasil, a necessidade de atrair imigrantes europeus, que eram em boa parte protestantes, juntamente com os interesses do imperador D. Pedro II, fez com que o governo imperial concedesse certa liberdade de culto, o que causou uma maior penetração do protestantismo no Brasil. O historiador francês Émile Leonard, precursor dos estudos científicos sobre o protestantismo brasileiro, dá ênfase ao empenho de Pedro II em incentivar a vinda de imigrantes protestantes para o Brasil:

Essa atitude já positivista, de pretender servir-se da igreja no terreno social, sem um grande interesse por sua mensagem espiritual, deveria proporcionar grandes facilidades aos primeiros missionários protestantes, apreciados por D. Pedro II pelos seus conhecimentos e pelos serviços práticos que poderiam prestar. (LEONARD, 1981, p. 47)

O protestantismo missionário, representado pelas denominações históricas (metodista, batista, presbiteriana e episcopal), instalado no Brasil provocou um forte impacto da presença protestante na sociedade brasileira e irradiou a religião por todo o território nacional. Já nas primeiras décadas do século XX surge no cenário brasileiro uma nova prática denominada pentecostalismo e que deu origem às comunidades da Congregação Cristã, em 1910 e da Assembléia de Deus, em 1911.

Os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren foram os fundadores da Assembléia de Deus no Brasil. Os dois se conheceram numa conferência pentecostal em Chicago. Sentindo-se chamados para trabalhar no Brasil, os dois partiram de Nova York, em 5 de 1910, e chegam a Belém no Pará em 19 de novembro do mesmo ano, onde deram início ao trabalho missionário. Segundo Emílio Conde, os dois receberam uma mensagem profética os mandando pregar o evangelho na região norte do Brasil:

O lugar tinha sido escolhido na profecia: Pará. Nenhum dos presentes conhecia aquela localidade. Após a oração, os dois jovens foram há uma biblioteca à procura de uma mapa que lhes indicasse onde o Pará estava localizado. Foi quando descobriram que se tratava de um estado no norte do Brasil. (CONDE, 2000, p.24)

A mensagem evangélica pentecostal chegou à Bahia por volta de 1926, primeiro na antiga cidade de Canavieiras, no Sul do Estado, através de Joaquina de Souza Carvalho, que ao ir morar em Canavieira, começou a falar a respeito da salvação, sendo que o primeiro batismo nas águas foi realizado pelo pastor João Pedro, que dirigiu também os primeiros cultos na Assembléia de Deus em Salvador. (CONDE, 2000, 195)

A Assembléia de Deus foi instalada em 1938 no povoado de Santa Rosa a 09 Km da sede do município de Conceição do Coité. César Ribeiro, Marcelino Araújo e o Presbítero Zezinho Guimarães trouxeram a obra da cidade de Valente para a localidade.¹²

Entre os séculos XIX e XX a comunidade de Santa Rosa era apenas um grande pedaço de terra cujos limites eram as então denominadas fazendas Berimbau, Paulista, Lages e o arraial de Coité. Por volta da década de 1930 um morador local, chamado Roberto Lopes de Oliveira, construiu a primeira casa nessa localidade, dando início ao povoamento do local. O mesmo Roberto Lopes seria a primeira pessoa a se converter ao evangelho quando os missionários de Valente vieram evangelizar no povoado. A partir de então, houve um relativo aumento do número de adeptos da religião. Os primeiros cultos eram realizados na casa de Roberto Lopes, que mais tarde, doou um terreno para a construção do templo da Assembléia de Deus, a primeira de toda a região, que foi inaugurado no ano de 1942.¹³ Desde então, o povoado passou a ser conhecido pelo nome de Assembléia, em alusão ao templo evangélico ali construído.

Posteriormente o nome do povoado foi modificado para Santa Rosa de Lima em homenagem a uma santa católica. O grande responsável pela modificação foi fazendeiro Antônio Firmino, que buscava, dessa forma, aumentar o grau de influência da igreja católica na comunidade, o que já evidenciava desde então uma oposição entre as duas religiões.¹⁴

O campo religioso de Santa Rosa é marcado pela nítida hegemonia da igreja Assembléia de Deus que comporta um significativo número de adeptos. O catolicismo

¹² Entreviste feita com Martina Florinda de Assis concedida ao pastor Edvaldo Santos - s/d.

¹³ Entrevista feita com Martina Florinda de Assis concedida ao pastor Edvaldo Santos – s/d.

¹⁴ Trabalho memorialista sobre a Assembléia de Deus em Santa Rosa feito pela professora Jacione Oliveira Mascarenhas.

na comunidade foi aos poucos perdendo o fôlego. Tal situação pode ser comprovada observando o número de fiéis dentro das duas igrejas durante as reuniões dos grupos, a superioridade numérica em termos de membros da Assembléia de Deus é facilmente percebida.¹⁵ Tais questões, entretanto, precisam ser analisadas de forma mais criteriosa. Estas análises ainda são iniciais e parciais.

Rosiele Silva Almeida, membro da Assembléia de Deus, constata essa realidade, destacando a inexistência de conflitos e disputas entre as duas religiões no povoado devido à pouca expressividade da religião católica:

Eu acredito que não existe essa disputa, até porque a maior parte das pessoas que tem uma religião aqui no povoado faz parte da Assembléia de Deus e a igreja católica aqui representa a minoria, então eu acredito que não tem essa disputa. Talvez se estivessem em pé de igualdade em termo de membros poderia haver alguma disputa, mas a Assembléia de Deus aqui no povoado em termos de membros visivelmente só cresce e a igreja católica vem tendo um declínio em relação aos membros.¹⁶

Entretanto, apesar da fiel afirmar que a relação entre católicos não é permeada de conflitos, as disputas entre essas duas religiões se faz presente dentro do campo religioso do povoado, a própria mudança do nome da comunidade já é um indicativo desse conflito. Além disso, a igreja católica, no decorrer do tempo, perdeu fiéis para a Assembléia de Deus.

Na pesquisa de campo, realizada com 50 membros da denominação evangélica foi constatado um número significativo de fiéis assembleianos que pertenciam ao grupo católico, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 1 – Grupos religiosos que os assembleianos participavam antes da conversão

Idade	Vindos da religião Católica	Vindos de outras religiões	Não possuíam outra religião	Total
Entre 16 e 20 anos	-	-	9	9
Entre 21 e 30 anos	1	-	12	13
Entre 31 e 40 anos	5	-	7	12
Entre 41 e 50 anos	1	1	6	8
Entre 51 e 60 anos	2	-	2	4

¹⁵ Visitas feitas às igrejas nos dias 28 de abril de 2013 e 05 de maio de 2013.

¹⁶ Entrevista feita com Rosiele, concedida no dia 28 de março de 2013.

Acima dos 60 anos	4	-	-	4
-------------------	---	---	---	---

Fonte: Pesquisa de campo.

A partir da análise da tabela pode-se notar que, em geral, os fiéis mais novos em termos de idade não possuíam outra religião antes de se converter ou já nasceram na religião evangélica. Já os membros que fizeram parte da igreja católica são, em sua maior parte, adultos ou idosos. Os dados demonstram a existência da saída de fiéis do catolicismo que migraram para a Assembléia de Deus.

O único fiel pesquisado que veio de outra religião saiu da Primeira Igreja Batista. Esse fato, juntamente com os demais dados da tabela, evidencia a predominância das religiões cristãs na comunidade que polarizam o campo religioso local.

A hegemonia assembleiana no campo religioso do povoado pode ser explicada, sobretudo, pelo fato da Assembléia de Deus vir, ao longo do tempo, ocupando importantes espaços sociais na comunidade e pela pregação de prosperidade e salvação adotada pela denominação. Além disso, a igreja “esforçou-se [...] em construir um discurso que colocasse o seu “outro” em uma esfera de negação, de descrédito” (MINA, 2004, p. 44).

Os líderes da Assembléia de Deus sempre lançaram duras críticas às outras formas de religiosidade que confrontavam com a mensagem pregada pela denominação. A esses agentes religiosos foi conferida uma marca demonizante, sendo, por isso, necessário combatê-las. Dessa forma, o ato de desprestigiar as formas de religiosidade tidas como diferentes é um mecanismo marcante do discurso das igrejas pentecostais para ganharem força e espaço dentro do campo religioso.

CAPÍTULO II

ASSEMBLEIANOS EM SANTA ROSA: AS REDES DE SOCIABILIDADE

Este capítulo objetiva investigar o discurso produzido pela Assembléia de Deus e pelos grupos pentecostais, bem como as relações sociais tecidas dentro do grupo e com a sociedade em que está inserida.

Pretende-se, neste capítulo, fazer uma análise das representações construídas pelos assembleianos, observando-se as diferentes maneiras de percepção e relacionamento com a sociedade local, privilegiando os aspectos sociais e culturais. Além disso, serão abordadas as atitudes e práticas do grupo que estão fortemente relacionadas com sua visão de mundo e suas interpretações sobre a realidade, evidenciando as tensões e conflitos gerados nestas relações.

2.1 Os fiéis da Assembléia de Deus – entroncamento sociocultural

A igreja Assembléia de Deus é uma denominação que oferece aos fiéis fortes laços de solidariedade e cujos valores estão fundamentados em um código de conduta moral que norteia o cotidiano de seus adeptos. Os fiéis dessa igreja compartilham práticas, costumes e comportamentos que servem como instrumento de socialização.

Os valores morais propagados pela denominação

unem as pessoas, as quais se sentem importantes, até quando são excluídas do grupo pelo fato de saberem que existem normas claras e definidas como referencial para suas vidas sociais num mundo que convive com uma crise de paradigmas. Até por isso se explica a ação dos delatores e o contentamento do grupo de afastar um transgressor (COUTO, 2011, p. 124).

Os laços de solidariedade sobre os quais os membros estão unidos são bastante fiscalizados. A solidariedade acaba rompendo a barreira do privado. Nas diversas estruturas institucionais a vigilância dá sustentabilidade ao poder de disciplinar. Para Foucault o ato de vigiar

permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente “discreto”, pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio. (FOUCAULT, 1987, p. 58)

Os fiéis estão sob uma constante vigilância, tanto da parte dos seus líderes, quanto dos demais integrantes do grupo. O pastor da Assembléia de Deus de Santa Rosa, Jorge Bernardes, coloca que os membros da igreja assembleiana não estão preparados para ter liberdade religiosa, é necessário que haja limites impostos a eles para que não se afastem do caminho de Deus:

Agora, infelizmente, o povo assembleiano [...] não está preparado para uma abertura ou até mesmo para uma liberdade cristã. A gente prega liberdade, até incentiva que haja essa liberdade, mas o nosso povo não está preparado para isso. Em reunião que já realizei, por exemplo, com a faixa etária de jovens e adolescentes eles mesmos passaram para a gente isso como liberdade, “se nos derem liberdade a gente não consegue ficar no limite dessa liberdade, a gente extrapola”. Dessa forma, acaba ferindo as doutrinas.¹⁷

Portanto, na visão do pastor há uma necessidade da manutenção de barreiras à liberdade dos fiéis para que estes não desobedeçam às doutrinas bíblicas. Dessa forma, o membro da Assembléia de Deus está inserido dentro de um espaço social onde vive sob constante vigilância e que estabelece “uma sensação de limites, de referência, que está sempre lá para lhe admoestar” (COUTO, 2001, p. 124). Demonstrando, portanto, a necessidade de hierarquia da denominação, os usos e costumes contribuem para isto.

O conjunto de costumes da denominação é um importante instrumento de atração numa sociedade que enfrenta um processo de profunda transição de valores. Além disso, a igreja oferece dignidade e autoestima aos indivíduos, pois

Atua como uma rede de proteção social, fornecendo apoio psicológico e até material à pessoa que vive em situação de grande vulnerabilidade social. Funciona como um círculo de solidariedade aos fiéis, que se tornam amigos, conseguem empregos uns para os outros, envolvem-se em namoros e casamentos, solidificando ainda mais esses laços “internos”. (ALVITO, 2012, p. 29)

As igrejas pentecostais oferecem aos fiéis apoio diante de problemas familiares, doenças, envolvimento com drogas, crises financeiras e diversos tipos de sofrimento. Contudo, para que o indivíduo tenha as suas mazelas solucionadas é necessário que ele demonstre sua “fé – e isso inclui, os sacrifícios dos mais diversos tipos, como de postura

¹⁷ Entrevista com Jorge Bernardes, pastor da Assembléia de Deus em Santa Rosa, concedida em 13 de agosto de 2012.

e de oferenda de dízimos” (CORREA, 2006, p. 105) e acredite que Jesus Cristo possui o poder de cura e de salvação.

Os líderes assembleianos ao usarem palavras como “a Igreja é o esconderijo do crente, é onde ele se refugia para falar com o Senhor e também ouvi-lo, é onde encontra conforto espiritual e resolução para os seus problemas”¹⁸, buscam inserir os fiéis em um ambiente familiar, transferindo-lhes uma sensação de paz e alívio. Nesse sentido, a experiência com o grupo religioso induz o indivíduo a desenvolver um sentimento de confiança para enfrentar as adversidades e dificuldades encontradas no decorrer de sua vida, incentivando-o a buscar novas conquistas no campo espiritual.

Os membros da Assembléia de Deus adotam uma postura de afastamento do mundo, concebido como um lugar propício para a atuação demoníaca. Tal visão de mundo levou o campo doutrinário da denominação a exigir dos fiéis um comportamento diferenciado na sociedade. Dessa forma,

Vários encaminhamentos [...] são dados pelas lideranças da AD aos fiéis sobre a conduta assembleiana no mundo social mais amplo. Inúmeras questões são colocadas. Elas vão desde padrões sóbrios de vestir e falar, lugares a não serem frequentados, até aspectos de planejamento familiar. (MINA, 2004, p. 89)

Contudo, é importante destacar que, na prática, muitas regras da igreja são quebradas pelos fiéis. Por isso é constatada, dentro do grupo, a existência de punições e suspensões para os membros que adotam uma postura inadequada e que não condiz com o modelo ideal de cristão propagado pela denominação.

O culto assembleiano é um importante momento de socialização e de propagação da fé. É o espaço “onde o testemunho tem lugar garantido. É a hora de cada fiel contar a sua bênção, fortalecer a coragem dos irmãos e exercitar-se para desempenhar esse testemunho no seu dia-a-dia” (SILVA, 2003, p. 78). O testemunho é, portanto, um aspecto fundamental para os membros da denominação, pois acreditam que as experiências do crente com Deus devem ser compartilhadas com a igreja para que a fé desta seja continuamente fortalecida:

É necessário que quando a gente vivencie uma experiência com Deus a gente compartilhe para que a igreja seja edificada e para que a sua fé seja renovada. Para que a esperança se renove naquelas pessoas que estejam passando por algum problema, de ordem física ou espiritual, para que a esperança se renove e a fé em Deus se renove também, para

¹⁸ Livro de Atas da Assembléia de Deus. Santa Rosa. 08 Jan. 1999, p. 14.

que elas passem a acreditar que seus problemas também serão resolvidos.¹⁹

Portanto, como fica evidenciado na fala da fiel, os testemunhos são uma forma de incentivar os membros da igreja a cultivar uma fé fortalecida em Deus. Ao tomar conhecimento da experiência do seu “irmão” os demais membros da igreja acreditarão que seus problemas também serão resolvidos.

Durante os cultos o espaço da igreja é dividido em departamentos (Senhores, senhoras, jovens, adolescentes e crianças). As pessoas integrantes de cada departamento se organizam para a cada semana dirigir o culto dos domingos. Tal organização é uma importante forma de socialização entre os membros da mesma faixa etária ou estado civil como aponta a fiel Rosiele Almeida

Pelo que eu conheço das outras igrejas evangélicas a organização da Assembléia é muito diferente porque nos cultos existem grupos, tem os grupos das senhoras, dos senhores, dos jovens, das crianças e dos adolescentes. Então, cada um desses grupos tem a oportunidade de cantar e a cada domingo um deles fica na direção do trabalho. Eu acho que a Assembléia de Deus se diferencia nisso em relação à organização dos cultos. E essa divisão em grupo eu acredito que facilita bastante porque tal divisão é pra que os jovens, por exemplo, tenham mais contato entre eles, se organizem para a oração, para o evangelismo, assim como os outros grupos, os senhores, as senhoras para que eles se conheçam melhor dentro da igreja. Às vezes em algumas denominações as mulheres casadas não sabem quem são as mulheres casadas, os jovens não sabem quem são os jovens e às vezes até sabem, mas não têm muita relação uns com os outros, então os grupos facilitam bastante para que ocorram essas amizades dentro da igreja.²⁰

É necessário destacar que outros grupos também têm organizações parecidas aos cultos assembleianas. Tal organização em grupos facilita o trabalho religioso dentro da igreja. Os departamentos são importantes para que os laços de amizade se desenvolvam e se fortaleçam entre os fiéis, pois possibilitam que os mesmos realizem diversas atividades, organizem passeios, formem grupos de oração e de evangelização. Quando uma pessoa se converte ela prontamente é acolhida pelo seu respectivo grupo e recebe dentro dele um grande apoio para permanecer na igreja.

Os cultos são realizados, principalmente, com o objetivo de fortalecer a fé dos crentes e de incentivá-los a serem fiéis aos princípios bíblicos e às normas do grupo. É um ambiente em que as relações sociais são tecidas e solidificadas através de um

¹⁹ Entrevista com Rosiele, concedida no dia 28 de Março de 2013.

²⁰ Entrevista com Rosiele, concedida no dia 28 de Março de 2013.

sistema de representação que atua na construção da identidade assembleiana, que é marcada por um conjunto de símbolos que associa o “ser assembleino” à maneira como o indivíduo se veste, aos lugares que frequenta e ao padrão de conduta que adota, tornando, dessa forma, possível a configuração de uma maneira própria de socialização. Além, disso, o culto espaço também é um fundamental para o investimento das normas e práticas do grupo.

Ser membro da Assembléia de Deus implica a adoção de um comportamento diferenciado em relação às práticas mundanas tidas como pecaminosas. Os membros da denominação devem representar na sociedade o modelo de um autêntico cristão:

As palavras, os atos, enfim a pessoa de Jesus é o modelo ideal de conduta para a identidade do crente. O discípulo de Cristo deve revestir-se das qualidades santas e justas de seu Mestre, com a intenção de cumprir o propósito de Deus. (CPAD, Lição Bíblica Jovens e Adultos, 3º trimestre de 2007, p. 64)

O estereótipo de cristão assembleiano é sustentado graças a uma série de discursos propagados pela cúpula da igreja baseados em padrões éticos e morais, que visam fazer com que os fiéis se portem de maneira diferenciada na esfera social. Tais discursos são fortemente marcados por uma intensa dicotomia entre a igreja e o mundo, o sagrado e o profano, delimitando o certo do errado, contribuindo, dessa forma, para a formação da identidade, pois a mesma “depende, para existir, de algo fora dela: a saber, de outra identidade, que fornece condições para que ela exista” (WOODWARD apud FREITAS, 2010, p. 03). Portanto, “identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência” (SILVA, 2000, 74).

A identidade dos membros da Assembléia de Deus se pauta em uma ética-comportamental bastante conservadora que foi sendo construída através de um forte processo de disciplinarização dos fiéis. Através da identidade a denominação comunga práticas divergentes da cultura “mundana”, pregando uma maneira diferenciada de comportamento, vestimenta e pensamento. Segundo Clari Couto o discurso de separação do mundo adotado pelos líderes assembleianos tem como um dos principais objetivos a manutenção do padrão identitário dos fiéis:

São perceptíveis as tímidas tentativas de mudanças no grupo, mas que não chegam a atingir a estrutura conservadora. Por seu turno o que predomina de fato é a valorização dos padrões e costumes que culminam na tese de resistência cultural, visando preservar a identidade. (COUTO, 2001, p. 125)

Portanto, no intuito de manter preservadas algumas características da identidade do grupo, a Assembléia de Deus prega que seus membros devem adotar uma postura de afastamento do mundo, abandonando as práticas e valores que não condizem com os padrões pregados pela denominação. É importante, contudo, destacar nesse processo que, apesar do discurso assembleiano pregar uma separação das “coisas do mundo”, os fiéis estão constantemente interagindo com os mais diversos setores da sociedade que os rodeia, influenciando e sendo, também, influenciados. As normas da Assembléia de Deus não são fixas, elas são variáveis. O grupo atua na sociedade e é, também, transformado por ela.

Além disso, essas separações acabam gerando as resistências e disciplinas da Igreja, pois muitos fiéis descumprem as normas estabelecidas pelo grupo religioso e são, conseqüentemente, punidos por isso.

2.2 Atuação Social da Assembléia de Deus em Santa Rosa

De maneira geral a Assémbleia de Deus desempenha um importante papel na sociedade. As igrejas executam trabalhos de ação e responsabilidade visando atender as mais diversas necessidades dos indivíduos.

A Lição Bíblica do 1º trimestre de 2007 faz referência à missão social da igreja que é uma continuação da obra de Cristo na Terra:

A missão assistencial da igreja no mundo é continuação da obra iniciada por Jesus. Assim como o Senhor jamais se esqueceu dos pobres, a Igreja não deve desprezá-los (Lc 4. 18, 19). O imperativo da grande comissão inclui na essência da mensagem do evangelho, o atendimento às pessoas necessitadas. (CPAD, Lições Bíblicas Jovens e adultos, 1º trimestre de 2007, p. 37)

Portanto, além da função espiritual a missão da igreja inclui também a assistência e ajuda aos seus frequentadores e à comunidade em que ela está inserida. A Bíblia Sagrada contém diversos trechos que incentivam os fiéis a contribuir com os mais necessitados. O livro de Tiago, por exemplo, faz referência a essa questão:

Meus irmãos, que aproveita se alguém disser que tem fé, e não tiver as obras? Porventura a fé pode salvá-lo? E, se o irmão ou a irmã estiverem nus, e tiverem falta de mantimento quotidiano, E algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquectai-vos, e fartai-vos; e não lhes derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí? Assim também a fé, se não tiver as obras, é morta em si mesma. (Tiago 2:14-17)

Ao longo do tempo, diversas igrejas evangélicas vêm desempenhando um importante papel para amenizar o sofrimento de muitos indivíduos. Moisés Germano de Andrade, em seu trabalho sobre a atuação social da Assembléia de Deus aborda as atividades desenvolvidas pela denominação no estado de Pernambuco:

Por intermédio da Associação Joel Carlson, que funciona no bairro de Santo Amaro, oferecem-se assistência médica e psicológica, além de funeral para os necessitados. Também gerencia o asilo Betel, que abriga idosos necessitados sem cobrar mensalidade. Mas acreditamos que a maior contribuição que a AD de Pernambuco com relação à ação social é um projeto que tem como nome SAMUEL. Esse projeto de desenvolve no bairro de Santo Amaro, onde a igreja mantém cerca de três mil crianças, oferecendo-lhes saúde, educação, assistência médica e orientação espiritual. (ANDRADE, 2010, p. 22)

O autor também destaca a ressocialização de pessoas oriundas do mundo do crime como ação social da Assembléia de Deus. Para a denominação a conversão é uma importante maneira de o indivíduo abandonar a criminalidade e dar início a uma nova vida. Essas pessoas, geralmente, chegam às igrejas em busca de referenciais espiritual e social, deixam para trás um mundo de violência e perigos, são inseridos em um novo grupo social e conseguem se integrar na sociedade na condição de cidadão. (ANDRADE, 2010, p. 32)

Segundo Flávio Conrado, “as igrejas evangélicas envolvem-se crescentemente no campo da ação social, através de uma enorme diversidade de práticas, seja sob as lógicas da caridade/assistência, da filantropia ou da justiça”. (CONRADO, 2009, p. 10) A Assembléia de Deus de Feira de Santana desenvolve algumas atividades ligadas à assistência social, tais como entidades de apoio a viciados em drogas e entorpecentes, amparo ao menor abandonado, grupos de evangelização e distribuição de cestas básicas e medicamentos, além de auxílio funeral e ajuda aos idosos²¹. Tais atividades vêm sendo desempenhadas por várias décadas e atingem diversas pessoas, independente de pertencerem ou não à denominação.

No caso da Assembléia de Deus em Santa Rosa também são desenvolvidas atividades de cunho social, conforme aponta a fiel da denominação:

A igreja possui uma comissão chamada de Assistência social. Arrecadamos todos os meses alimentos, assim formamos cestas básicas e distribuimos para as famílias necessitadas. Além disso, todas as vezes que alguém do povoado está enfermo, precisando de remédio, cirurgias, e não está tendo condições financeiras para realizar os exames e pagar remédios, a igreja sempre contribui. Existe também a ajuda missionária. Enviamos todos os meses uma contribuição

²¹ Documento do histórico da Igreja Evangélica Assembléia de Deus Feira de Santana – Ba. 1938 – 2003.

financeira para a África. Quando alguns irmãos que tomam conta de centros de recuperação para drogas, vem nos visitar, ele também leva uma contribuição financeira para manter a instituição. Acho importantíssima a igreja realizar projetos sociais. É uma das funções da igreja, ajudar o próximo. E isso também ajuda a quebrar a ideia de que o dinheiro da igreja é destinado apenas para o pastor e os gastos da igreja.²²

Dessa forma, a igreja do povoado vem desempenhando atividades sociais que visam oferecer ajuda aos mais necessitados. Tais iniciativas, como podem ser observadas no trecho acima, são incentivados pelo fiéis, pois acreditam que essa é uma das grandes funções da igreja.

Contudo, as ações desenvolvidas pela denominação ainda são pouco limitadas, pois não possui recursos suficientes para atender a uma demanda maior, conforme aponta a própria fiel da denominação:

Eu acho a ajuda social muito importante e acredito que se tivéssemos mais recursos poderíamos fazer muito mais, porque 8, 9 ou 10 cestas básicas é muito pouco, é um número muito pequeno, mas temos que ter fé em Deus que as coisas com o tempo irão melhorar e a gente poderá fazer muito mais pela população de Santa Rosa.²³

Além das atividades citadas acima a Assembléia de Deus também é responsável pela administração do cemitério local, construído 1947, onde são enterrados tanto cristãos quanto não cristãos, demonstrando, assim, a influência social da denominação sobre a população local²⁴.

Portanto, apesar das limitações a igreja não abriu mão de desenvolver seu papel social dentro da comunidade, visto que, tais ações assistencialistas além de serem uma importante maneira de prestar ajuda aos mais necessitados é também uma forma de ganhar espaço e legitimação dentro do campo religioso local.

2.3 “Salvando as almas”: as práticas de evangelização

A evangelização é uma das maiores missões da igreja na terra, se pauta nos ensinamentos de Jesus Cristo, principalmente quando diz aos seus discípulos: “Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura. Quem crê e for batizado será salvo; mas quem não crê será condenado”. (Marcos 16: 15, 16).

²² Entrevista com Thaíse Araújo, concedida em 20 de setembro de 2012.

²³ Entrevista com Hideljardo Silva Almeida, concedida em 02 de setembro de 2012.

²⁴ Entrevista com o obreiro Gilberto Lopes de Oliveira em 22 de março de 2012.

Para as igrejas evangélicas há uma grande urgência em evangelizar as pessoas que não são crentes, pois a volta de Jesus estaria condicionada à pregação da Palavra: “E este evangelho do reino será pregado no mundo inteiro em testemunho a todas as nações, e então virá o fim”. (Mateus 24:14).

De acordo com a tradição cristã há uma estreita relação entre a totalidade da evangelização e a aproximação do “fim” do mundo, que ocorreria com a segunda vinda de Jesus Cristo à Terra. Neste caso, fica evidente a questão da justiça, pois todos teriam o direito de ouvir a pregação do evangelho para que no dia do “juízo final” seja julgado perante sua aceitação do conteúdo da mensagem de salvação eterna.

Os fiéis devem cultivar o frequente hábito de evangelização, são orientados a contribuir financeiramente com a igreja local, com o sustento de missionários e com orações dirigidas às missões evangelísticas e às pessoas que não são crentes e que, na visão cristã, ainda não alcançaram a salvação.

Ao estudar a Assembléia de Deus do Bom Retiro no estado de São Paulo, Maria Aparecida Correa enfatiza a importância da evangelização na denominação para ampliar o número de fiéis:

Neste âmbito, a igreja AD – Bom Retiro cada vez mais se esforça para atrair novos adeptos ao sem meio: seja pela fala de seus pastores, seja pela eficácia de seus eventos e cruzadas, o objetivo mesmo é evangelizar, e transformar o velho em novo, gerar vida nova aos adormecidos de maneira, sobretudo, envolvente e eficaz. (CORREA, 2006, p. 114)

A missão evangelística é, portanto, uma questão importante para os membros da Assembléia de Deus. Na denominação a identidade do “pentecostalismo faz de cada crente um evangelizador, um militante que deve propagar a sua fé” (NOVAES, 2010, p. 44). Nas atas da igreja de Santa Rosa é possível perceber a preocupação com relação a esse ponto:

Prosseguindo, falou um pouco da Palavra lida, dizendo que Jesus deu instruções a seus apóstolos para percorrer todas as aldeias levando a mensagem do Evangelho, e hoje precisa-se de servos de Deus, para que pessoas errantes venham a entender a Palavra do Senhor e aceitar, assim Jesus como seu Salvador, pois poucos são os que fazem a obra de Deus. Precisamos rogar ao Senhor para que Ele salve pessoas corajosas para esta missão.²⁵

²⁵ Livro de Atas da Assembléia de Deus. Santa Rosa. 04 Dez. 2001, p. 01.

No fragmento acima, o líder religioso deixa claro para os fiéis da igreja a importância da evangelização, visto que é um meio através do qual é possível transmitir às pessoas a mensagem de salvação contida na Bíblia Sagrada.

Ao ser entrevistada, a fiel da Assembléia de Deus também evidencia o papel preponderante do ato de evangelizar, demonstrando que a importância da pregação do evangelho se mantém no decorrer do tempo no interior do grupo religioso:

Eu acho que a prática da evangelização é muito importante porque a Bíblia fala que a fé vem pelo ouvir, o ouvir a Palavra de Deus. Então se a gente não cumpre essa ordenança do Senhor, ide e pregai o evangelho a toda criatura, dificilmente a gente vai exercer o mandamento de amar ao próximo como a nós mesmos, porque amar ao próximo é também pregar a Salvação a ele, se não prega a salvação não existe amor²⁶.

Conforme entrevistas realizadas com membros, as estratégias utilizadas pela Igreja Evangélica Assembléia de Deus para se expandir no povoado de Santa Rosa se constituem, basicamente, em “visitas aos lares, cultos em praça pública, convites para as pessoas participarem das programações da igreja²⁷”.

Os cultos abertos a toda população são momentos propícios para que os fiéis possam expor as suas crenças religiosas de forma que a fé possa ser trabalhada e difundida a outras pessoas ao mesmo tempo.

A visita aos lares também é um importante instrumento de evangelização dos fiéis da Assembléia de Deus de Santa Rosa, através do qual, grupos formados por três ou quatro fiéis se dirigem uma vez por semana à casa de determinadas pessoas a fim de levarem a mensagem do Evangelho até elas²⁸.

As visitas, aos lares são, portanto, uma maneira de se aproximar das pessoas e buscar sua conversão. É um tipo de evangelização mais direta, cujos alvos são criteriosamente selecionados, geralmente escolhem pessoas que já tenham uma maior aproximação com a denominação ou que estejam enfrentando algum tipo de problema.

2.4 Representação do “mundo” pelos assembleianos: análise do discurso elaborado

O campo religioso brasileiro tem sido marcado pela crescente atuação do Movimento Pentecostal. A Igreja Evangélica Assembléia de Deus, que faz parte desse contexto, vem adotando determinados discursos que marcam sua visão de mundo

²⁶ Entrevista com Rosiele, concedida no dia 28 de Março de 2013.

²⁷ Entrevista com Thaíse Araújo, concedida em 20 de setembro de 2012.

²⁸ Entrevista com Rosiele, concedida no dia 28 de Março de 2013.

caracteristicamente espiritualista. Os fiéis assembleianos veem a sociedade que os rodeia de maneira bastante peculiar, são fortemente influenciados pela corrente pentecostal que concebe a ideia da existência de uma guerra espiritual travada contra o Diabo. Para os evangélicos pentecostais

Há uma oposição binária entre o “mundo” e a “igreja”. O “mundo” é o espaço do pecado, da violência, do vício da bebida ou da droga, do sofrimento cotidiano, do Mal. Quem governa o “mundo” é o Diabo, uma figura central no culto pentecostal, continuamente evocada para explicar as dificuldades, as agruras e as tragédias vividas pelos fiéis. O Diabo estaria sempre à espreita, tentando desviar o fiel do caminho de Deus, criando-lhes problemas para enfraquecer a sua fé. Deus governaria a “Igreja”, a comunidade de fiéis reunida por um pastor que os guiaria no caminho reto. Os cultos pentecostais representam uma verdadeira dramatização desta contínua batalha entre o Bem e o Mal, entre Deus e o Diabo. (ALVITO, 2012, p. 27)

Através da influência da identidade pentecostal os assembleianos concebem o “mundo” como um lugar propício para as investidas demoníacas, sendo algo que necessita receber uma mensagem regeneradora. Para ter uma melhor compreensão sobre a maneira como os fiéis da Assembléia de Deus visualizam a sociedade ao seu redor faz-se necessário delimitar o que se entende por representações sociais. Roger Chartier destaca que um dos aspectos relacionados a esse conceito diz respeito

Às representações coletivas, que são referentes aos significados e configurações do mundo social, engendrados ou assumidos por um grupo e que passam a constituir a matriz de percepção do mundo social, de classificação e hierarquização da realidade, a partir de determinados critérios de julgamento; são elementos de reordenação do mundo por meio dos quais pretendem ter sua identidade reconhecida. Nesse sentido as representações aspiram a um caráter universalista e são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as produzem; nunca são discursos neutros, colocando-se sempre em lugar de competição. (CHARTIER apud SOUSA, 2010, p. 102)

Os indivíduos percebem o mundo social a partir do grupo em que está inserido. No caso dos fiéis da Assembléia de Deus a leitura de mundo foi construída de acordo com seu conjunto de valores, possibilitando uma percepção própria da realidade.

Muitos aspectos da nossa sociedade, tais como homossexualismo, divórcio, eutanásia, aborto, contestação do modelo patriarcal de família são fortemente combatidos pelos fiéis da Assembléia de Deus e por quase totalidade dos grupos pentecostais.

Fora da comunidade de culto, o mundo estaria sobre domínio do demônio. Por isso é necessário, na pregação pentecostal, atuar no mundo em santificação e testemunho, a fim de torná-lo evangélico. Intensificar a pregação também é uma forma de apressar o retorno de

Cristo. Ao posicionar-se como detentora da mensagem da salvação, sem a qual o restante encontra-se perdido, a Assembléia de Deus nega a alteridade, a pluralidade e a diferença. (SOUSA, 2010, p. 99)

A denominação nega-se a dialogar com outras formas de religiosidades, que são vistas em situação de descrédito e de perniciosidade. As Revistas Bíblicas dominicais, fonte de estudo da Assembléia de Deus, fazem, frequentemente, referências ao caráter demoníaco de outras religiões ou culturas:

A doutrina da reencarnação é tão antiga quanto a humanidade. É originária do hinduísmo, mas está presente no budismo, no jainismo e no shikhismo. É defendida pelos hare krishnas, kardecistas e muitos outros grupos na atualidade. Tem fortes vínculos com a prática da necromancia e está no bojo do Movimento da Nova Era. A reencarnação é uma falsa crença inspirada por Satanás para levar o homem à perdição eterna. (CPAD, Lições Bíblicas Jovens e adultos, 2º trimestre de 2006, p. 19)

O fragmento acima trás uma crítica do discurso assembleino ao espiritismo que, assim como diversas outras formas de religiosidade, tais como Testemunhas de Jeová, mormonismo, islamismo, Igreja Adventista do Sétimo Dia, possui um forte teor demonizante e suas práticas contradizem as Sagradas Escrituras, devendo por isso, ser fortemente combatida pelo “povo de Deus”.

Para a Assembléia de Deus esses grupos são colocados em um mesmo caldeirão, pois o principal ponto em comum encontrado entre eles é a adoração ao diabo. Em vista disso, a denominação possui um caráter intolerante ao tratar de outros grupos religiosos. Grande parte dos fiéis assembleinos negam o diálogo com outras formas de religiosidade, como pode ser comprovado na tabela abaixo:

Tabela 2 – Fiéis que frequentam outros grupos religiosos

Grupos evangélicos	Grupos não evangélicos	Grupos evangélicos e não evangélicos	Não frequentam outros grupos religiosos
10	-	1	39

Fonte: Levantamento de campo.

Na pesquisa de campo realizada com 50 membros da Assembléia de Deus de Santa Rosa buscou-se, entre outras coisas, investigar a existência de algum tipo de relação com outras instâncias religiosas. Os dados da tabela revelam que apenas 10 pessoas visitam outras igrejas evangélicas, entre elas a Batista, a Mundial e a Deus é amor, apenas um fiel revelou visitar outros grupos que não sejam evangélicos, tais como a igreja católica e 78% das pessoas entrevistadas não frequentam outros grupos

religiosos, demonstrando que a denominação é fortemente fechada em seu interior para outras manifestações de religiosidade.

Tal fato pode ser explicado pela maneira como a denominação concebe o “outro”, que, geralmente, é colocado em situação de descrédito e de negação. A Assembléia de Deus “concentrou-se em confrontar aquelas formas de religiosidade que, no seu entendimento, continham um alto grau de ‘erro’ quando comparadas com a mensagem adotada e pregada pelos seus líderes”. (MINA, 2004, p. 49)

Portanto, ao longo dos anos a Assembléia de Deus se apropriou de um discurso em que as outras formas de religiosidades são vistas de maneira negativa, sendo esta uma característica de grupos protestantes e pentecostais mais conservadores. Para Foucault o discurso “é um conjunto de enunciados que se apoia na mesma formação discursiva” (FOUCAULT Apud FISCHER, 2001, p. 201). Portanto ao fazer a análise de uma construção discursiva é necessário levar em consideração o jogo de relação em que está imerso. O discurso é uma ferramenta que dá possibilidades de compreender os sujeitos a partir de lugares exteriores a eles.

Em outro fragmento das revistas bíblicas dominicais é feito um alerta às igrejas evangélicas que fazem uso dos aspectos profanos da cultura secular:

Alegando “atividade cultural” e “folclórica” há templos evangélicos em cujos pátios vê-se roda de capoeira e ensaio de bloco carnavalesco, enquanto no santuário, no chamado “louvorzão” entram em cenas os “trenzinhos” e outra abominações. A linguagem mântica está sendo empregada pelos “animadores de culto” e até elementos do judaísmo aparecem em conjunto com a liturgia cristã. É a secularização do culto evangélico para agradar os que rejeitam os preceitos normativos de vida, revelados pelas escrituras. (CPAD, Lições Bíblicas Jovens e adultos, 4º trimestre de 2005, p. 53)

Na Lição Bíblica o uso de elementos de outras culturas por parte de grupos evangélicos é fortemente criticado, pois eles ferem os preceitos considerados bíblicos pela denominação. Segundo a visão assembleiana, os servos de Deus não podem adotar as traiçoeiras e maléficas práticas seculares, devem se manter vigilantes contra as sutilezas do Diabo que, constantemente, busca introduzir suas forças malignas sobre o meio evangélico.

Os grupos protestantes, sobretudo os pentecostais e neopentecostais, estão constantemente, através de textos e pregações, fazendo referência ao pecado, que é responsável por afastar o homem de Deus. Os atos pecaminosos cometidos pelos fiéis podem por em risco a sua Salvação, por isso é necessário que o crente se mantenha vigilante para que não caia em tentação.

A doutrina da salvação dos grupos protestantes foi se modificando com os anos, mas, sobretudo com a expansão dessa religião pela Europa e pela América do Norte, e assim a ação do homem no mundo terreno ganhou novo significado religioso. Aos poucos, movimentos como o puritanismo, o pietismo e o metodismo foram colocando o ascetismo ativo e a busca da santificação no lugar antes ocupado pela confiança na misericórdia divina, fazendo com que a salvação dos homens voltasse a depender da conduta religiosa e comportamental de cada um. (MACHADO apud COUTO, 2001, p. 129)

Na visão pentecostal a salvação de cada indivíduo é dependente de sua fé em Jesus Cristo e do seu seguimento aos padrões bíblicos. O verdadeiro servo de Deus deve viver em vigilância para não cair em tentações e, conseqüentemente, perder a sua morada no céu:

O cristão corre perigo quando vive se pertencesse à noite. (1 Ts 5.4-7). Assim como Demas (2 Tm 4.10), o que ama as trevas pode ser seduzido por elas. A sedução do homem é progressiva. O crente começa fazendo concessões em algumas práticas “inocentes”. Não demora muito e já está fazendo concessão em matéria de fé e quanto ao modo de entender a Palavra. Pedro garante que, procurando viver com filho da luz, o cristão não tropeça (2 Pe 1.10, 9).

Discursos como este justificam o fato da Assembléia de Deus ter resistido à televisão, cinema, esportes, maquiagens, pois são práticas tidas como mundanas e que contribuem para o afastamento do crente do grupo religioso.

Dentro do ambiente pentecostal há uma forte crença na pregação apocalíptica, que faz referência ao fim do mundo e ao segundo retorno de Cristo. As Atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa revelam que para os assembleianos aquele que aceitar a mensagem do evangelho terá uma morada garantida no céu:

[...] quando uma pessoa morre, para os homens fica só o nome, a história, lembrança, mas para Deus aquele que morre em Cristo vive e reina para sempre, porque os mortos ressuscitarão primeiro e os crentes que aqui ficarão serão arrebatados juntamente com Ele nas nuvens. E que a maior honra de um crente é sentar-se no trono ao lado do nosso senhor Jesus Cristo. E que é isso que nos conforta e nos alegra para continuarmos a luta da vida.²⁹

Os pentecostais acreditam que todos os cristãos que permanecerem fiéis à Palavra de Deus receberão a recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra. O cântico abaixo, que faz parte do conjunto de hinos entoados na Assembléia de Deus, trás referências ao dia do retorno de Jesus à Terra:

Quando lá no céu descendo, para os seus, Jesus voltar,

²⁹ Livro de Atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa. 17 de Abril de 1998, p. 05

E o clarim de Deus a todos proclamar,
 Que chegou o grande dia do triunfo do meu Rei,
 Eu, por sua imensa graça, lá estarei

*Quando enfim, chegar o dia
 Do triunfar do meu Rei
 Quando enfim, chegar o dia
 Pela graça de Jesus eu lá estarei!*

Nesse dia quando os mortos hão de a voz de Cristo ouvir,
 E dos seus sepulcros hão de ressurgir,
 Os remidos reunidos, logo aclamarão seu Rei,
 E, por Sua imensa graça, lá estarei.

Pelo mundo, rejeito foi, Jesus, meu Salvador.
 Desprezaram, insultaram meu Senhor, Mas, faustoso, vem o dia
 Do triunfar do meu Rei, E, por Sua imensa graça, lá estarei.

Em mim mesmo, nada tenho em que possa confiar,
 Mas Jesus morreu na cruz p'ra me salvar;
 Tão somente nEle espero, sim, e sempre esperarei.
 Pois, por Sua imensa graça, lá estarei.

(Harpa Cristã, O Dia do Triunfo de Jesus, Hino 48)

Para os pentecostais, o período que antecede a segunda vinda de Cristo é denominado Últimos Dias, que serão marcados pelo derramamento do Espírito Santo sobre os crentes e por diversos acontecimentos catastróficos, tais como guerras por todo o mundo, nação contra nação, terrorismo, doenças, fomes, furacões, terremotos, ataques às famílias, divórcio, idolatria, falsos profetas, inversão de valores morais, relativismo moral, entre outros. A Bíblia Sagrada contém diversos trechos que faz referência aos Últimos Dias:

Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis. Os homens serão egoístas, avarentos, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se desses também. (II Timóteo 3:1-5)

Os evangélicos pentecostais acreditam que tais acontecimentos previstos nas Sagradas escrituras estão se cumprindo nos dias atuais, comprovando o teor contemporâneo das mensagens bíblicas. Consideram a Bíblia um livro que transpõe o seu conteúdo para os dias de hoje, superando as limitações geográficas, históricas e culturais.

CAPÍTULO III

COSTUMES: UM LUGAR DE RECONHECIMENTO

Pretende-se neste capítulo analisar a Doutrina dos usos e costumes da Assembléia de Deus como uma questão de identidade e pertencimento. Para alcançar este objetivo serão abordados aspectos relacionados às práticas de disciplinarização, ao padrão de identidade assembleiano, às relações de conflito e à visão de “mundo” que os adeptos da denominação possuem.

Busca-se revelar o comportamento do grupo baseado em uma ética comportamental conservadora e que está inserida em uma cultura religiosa que adota um discurso de separação do mundo e que prega mudanças na forma de agir, de se vestir e de personalidade.

3.1 A Assembléia de Deus e os usos e costumes

A igreja evangélica Assembléia de Deus possui um conjunto de normas e costumes que a diferencia em relação às outras dominações religiosas pentecostais. Os usos e costumes da Assembléia de Deus são um conjunto de normas apresentadas “aos fiéis no tocante ao uso do vestuário, de produtos de beleza, bijuterias, corte de cabelo e tabus comportamentais adotados pelo grupo religioso”. (SOUZA, 2010, p. 130)

Resumem-se, basicamente, na proibição do uso de barba e de cabelos crescidos pelos homens, no uso de trajes masculinos pelas mulheres, uso de pinturas na face e nas unhas, uso de joias e adornos, corte de cabelo por parte dos membros do sexo feminino, relacionamento com pessoas não evangélicas ou de outras denominações e uso de bebidas alcoólicas ou entorpecentes.

Entende-se por “Doutrina, estritamente falando, como o ensino normativo, terminantemente, final, derivada das Sagradas Escrituras, como regra de fé e prática de vida, para a Igreja através de seus membros” (GILBERTO Apud COUTO, 2001, p. 83), ao passo que “Costume é uma forma de expressão do porte, postura ou comportamento social da pessoa ou congregação, confirmando ou comprometendo a doutrina bíblica, a moral e a ética cristãs” (GILBERTO Apud COUTO, 2001, p. 83).

Os costumes da Assembléia de Deus são colocados aos crentes como uma maneira de aceitação dentro do grupo, estão relacionados ao contexto social ao qual se inserem, sendo por isso passíveis de mudanças, pois:

É no universo religioso que, os acontecimentos sociais ao mesmo tempo influenciam as crenças religiosas, os tabus religiosos, prescrevem comportamentos sociais originando em última instância uma ética religiosa. Esta, por sua vez, se adequa temporariamente às exigências sociais, de acordo com arranjos racionalmente desenvolvidos. (WEBER apud SILVA, 2003, p. 15)

A análise dos usos e costumes da Assembléia de Deus pode ser utilizado como instrumento para entender a visão de mundo de seus adeptos e sua maneira de se relacionar com a sociedade. Tais regras são aceitas por grande parte de seus membros, visto que possibilitam a coesão do grupo à medida que criam artifícios de afirmação e pertencimento.

A Assembléia de Deus no Brasil, por exemplo, recebeu forte influência da sociedade do período, como aponta Clari Couto:

A AD, quando emergiu no país, incorporou valores culturais do momento histórico, em que as ‘mulheres de bem’ ainda trajavam-se de modo a não revelar o corpo, não chamar a atenção dos homens, pois eram vítimas da disciplina da sociedade, da Igreja Católica e da medicina. (COUTO, 2001, p. 81)

A Assembléia de Deus, contudo, não acompanhou a Revolução dos costumes pela qual a sociedade brasileira passou. A denominação conservou durante muito tempo a preponderância dos antigos costumes, cuja rigidez é mantida pelos líderes religiosos, que são contrários às mudanças.

É importante destacar que apesar dos fiéis dessa denominação, como os demais evangélicos, serem conclamados a rejeitar o mundo e tomá-lo como um lugar diabólico, a religião não se faz separada da sociedade sendo que os atores religiosos movimentam-se e trazem a público sua linguagem, suas demandas, nas mais diversas direções. O campo religioso é delimitado por uma série de aspectos que não se limita apenas a

questões de fé. A religião abrange vários setores da vida do ser humano, influenciando e sendo influenciada por seus aspectos sociais, culturais e políticos.

Apesar de estar, aos poucos, acompanhando as transformações da sociedade e dos movimentos pentecostais atuais, a Assembléia de Deus ainda é uma das igrejas que mais resistem às mudanças na rigidez dos usos e costumes.

A Assembléia de Deus tem como paradigma o pentecostalismo clássico brasileiro, que começou em 1901 entre cristãos que se reuniam na rua Azusa em Los Angeles, EUA, e simultaneamente em vários outros lugares na América do Norte. É a maior corrente pentecostal entre todas as demais, pois está conformada por organizações religiosas que se formaram naqueles anos e mantêm manifestações espirituais e doutrinas similares.

A denominação tem o hábito de inserir como doutrina os usos e costumes, através dos quais criaram uma série de restrições que são seguidas pelos seus membros, que devem assumir uma conduta baseada na moralidade e se afastar das práticas tidas como pecaminosas do mundo.

A observação do Livro das Atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa permite perceber a preocupação com a postura dos fiéis que não podem se “misturar” com o “mundo” e devem se manter sempre obedientes à “Palavra de Deus”³⁰. Além disso, a análise do Livro das Atas demonstra que o não seguimento dessas regras podia implicar em diversos tipos de punições e exclusões aos fiéis. Em alguns trechos das atas, encontram-se registros de membros suspensos ou excluídos da congregação devido à suas posturas inadequadas e pedidos de perdão feitos pelos fiéis, assumindo seus erros e solicitando a reconciliação com o grupo religioso, como pode ser observado no fragmento abaixo:

Abriu-se oportunidade para o pedido de perdão o qual não houve. Foram excluídos do rol de membros os jovens Letícia Costa da Silva e Ademilton Lopes da Silva, os quais haviam se afastado há muito tempo³¹.

A partir da leitura do trecho pode-se observar a punição a dois membros que foram excluídos do grupo devido a posturas consideradas inadequadas. O trecho revela uma situação típica que ocorre nas Assembléias de Deus, demonstrando que seus membros estão inseridos em um ambiente punitivo, cujos líderes buscam de diversas formas manter um forte controle sobre suas vidas.

³⁰ Livro de Atas da Assembléia de Deus. Santa Rosa. 13 Fev. 1998, p. 3.

³¹ Livro de Atas da Assembléia de Deus. Santa Rosa. 07 de Ago. 1998, p. 9.

Ao ser entrevistado, o membro da Assembléia de Deus de Santa Rosa, Ronaldo Oliveira, afirma que considera os costumes importantes, pois eles servem para caracterizar os crentes, na medida em que os diferenciam das pessoas que não professam a mesma fé e defende que os usos e costumes influenciam no processo de santificação do fiel, visto que, o cumprimento dos mesmos promove a aproximação entre o crente e Deus³².

Thaíse Araújo, membro da Assembléia de Deus há sete anos, acredita que os costumes são “desnecessários porque implantaram uma ideologia equivocada na mente das pessoas” e acredita que os costumes não santificam o crente, pois a “salvação vai muito além das roupas, da aparência. A Bíblia diz que Deus não nos vê como os homens veem. A salvação depende da nossa fidelidade para com Deus e com a sua Palavra”³³.

Os dois depoimentos acima demonstram que a aceitação das regras comportamentais da Assembléia de Deus também está permeada de diversos conflitos que podem ser comprovadas também devido à existência de suspensões e exclusões, que se constituem em punições para os membros que adotam posturas inadequadas diante dos padrões estabelecidos pela igreja.

A contradição dos depoimentos revela também que não há uma homogeneidade no pensamento dos assembleianos com relação aos costumes. Thaíse defende que o mais importante é a doutrina e a interpretação bíblica. Enquanto que Ronaldo se coloca ao lado dos defensores dos costumes, acreditando que o seguimento destes é essencial para manter o crente em sintonia com Deus.

A aparência do crente é um aspecto fundamental para os assembleianos. Ao analisar os costumes e doutrinas da Assembléia de Deus em Conceição do Coité, Clari Couto enfatizou o rigor das normas da ética comportamental da Denominação, recebendo com sanções negativas:

Mulheres que eventualmente cortem os cabelos, máxime se o corte radical; usem calças compridas ou bermudas; usem maquiagem; depilem pernas; usem roupas sem manga ou decotadas; usem pulseira; brincos ou gargantilhas; namorem pessoas extra-grupo; homens que joguem futebol; usem bermudas e camisa sem mangas; tenham cabelos crescidos ou barbas grandes; frequentem festas dançantes e outros costumes que ganharam significado fundamental para a aceitação do crente na comunhão da comunidade. (COUTO, 2001, p. 71)

³² Entrevista com Ronaldo Oliveira, concedida em 02 de outubro de 2012.

³³ Entrevista com Thaíse Araújo, concedida em 20 de setembro de 2012.

A aparência é, portanto, um requisito importante para que o indivíduo se reconheça como membro da Assembléia de Deus e se diferencie em relação aos outros grupos. O assembleiano deve se vestir de maneira comportada, sem expor o corpo, sem provocar escândalos e evitando usar roupas sensuais³⁴.

Entretanto, a doutrina dos usos e costumes vem, ao longo do tempo, enfrentando uma série de alterações de forma tão marcante que a denominação tem sofrido algumas rupturas. “A AD, atualmente, enfrenta crises de vários tipos, resultantes de seu modelo, da ascensão social e da concorrência com novos grupos pentecostais”. (FREESTON, 1993, p. 73) É nesse contexto que vem ocorrendo uma série de mudanças nos costumes assembleianos, não de maneira uniforme, mas de acordo com o contexto em que está inserida.

Quando os costumes cristalizam-se, transformam-se em crenças éticas, e em seguida, em leis supostamente universais. O costume que era uma questão meramente humana, embora possa estar escudada nas leis naturais e nos impulsos da consciência, estando assim em harmonia com a vontade de Deus, não deixou de receber influências e mudanças. (SILVA, 2003, p.49)

Essa mudança nos costumes assembleianos pode ser observado na Igreja de Santa Rosa. Através das entrevistas realizadas com os membros nota-se que já há um significativo número de fiéis que não absorvem completamente todas as regras comportamentais do grupo. Ligia da Silva que congrega na igreja há mais de vinte anos relata esse fato:

Hoje em dia está tudo mais liberal. Muitos crentes, principalmente os mais jovens, tem desobedecido aos costumes da igreja e não recebem a devida punição. Antigamente as pessoas obedeciam aos costumes e quem não obedecia era logo punido. Hoje é mais diferente, muitos crentes usam as mesmas roupas de quem não é crente, estão todos iguais, usando as mesmas coisas.³⁵

A fiel possui uma postura conservadora e não vê com bons olhos o fato dos crentes se igualarem aos não crentes. Tal visão é resultado da propagação do discurso assembleiano, que criou um modelo ideal de crente, baseado, sobretudo, no padrão de vestimenta e comportamento.

A Assembléia de Deus vê nos costumes uma importante característica que dá à denominação o seu traço mais marcante e “se orgulha de distinguir-se de outros grupos religiosos pelo conservadorismo no campo dos usos e costumes que são impostos aos

³⁴ Entrevista com Jorge Bernades, pastor da Assembléia de Deus em Santa Rosa, concedida em 13 de agosto de 2012.

³⁵ Entrevista com Ligia da Silva, concedida em 25 de abril de 2013.

fiéis como emblema de pertencimento no grupo.” (COUTO, 2001, p. 71) Os indivíduos que não seguem essas condutas são vistos de maneira diferenciada pelo grupo religioso em que estão inseridos, além de ficarem sujeitos às punições e exclusões.

Tradicionalmente, a Assembléia de Deus adota uma postura de rejeição e afastamento do “mundo”, pois este, na linguagem cristã, representa um local repleto de tentações e armadilhas do Diabo. Na Bíblia Sagrada encontramos diversos trechos fazendo referência a essa questão:

Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é que vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus³⁶.

Para os assembleianos o mundanismo está repleto de práticas que, muitas vezes, contradizem aos padrões bíblicos, por isso devem se manter afastados dele para que não sejam contaminados pelas práticas pecaminosas.

Havia uma preocupação explicitada nos Livros de Atas da Assembléia de Deus em Santa Rosa com a postura dos fiéis, facilmente perceptível no fragmento abaixo em que o Superintendente Edvaldo Santos de Jesus afirma:

Que a Bíblia é o mapa da Igreja, é ela que nos leva ao céu e que só devemos nos preocupar em obedecer a sua palavra. E que Deus castiga e repreende aqueles que Ele ama. Nos falou ainda sobre a modernização do mundo, e que diante disso, muitos crentes estão querendo modernizar a igreja. Mas, o crente fiel somente segue a Bíblia. Por isso, se estivermos seguindo a palavra de Deus Ele sempre estará conosco, mas se nos misturarmos com o mundo, com certeza o nosso nome não estará na lista dos que vão para o céu³⁷.

Portanto, os crentes da Assembléia de Deus estão unidos através de regras comportamentais religiosas que se baseiam em aspectos morais que visam afastar o crente de práticas pecaminosas. Os fiéis que seguem tais regras são tidos como exemplo de cristão, já os que não se submetem são tratados como insubmissos e revoltados.

Entretanto, o discurso do Superintendente Edvaldo Santos dá abertura para que surjam, dentro do próprio grupo religioso, pensamentos de oposição aos costumes como o de Thaíse Araújo, pois se a Bíblia é o mapa da Igreja os costumes e normas da Assembléia de Deus podem ser questionados, visto que se tratam de criações humanas e estão relacionados com a expressão cultural de cada localidade. Para Ricardo Godim a postura restritiva de usos e costumes adotada por algumas igrejas evangélicas não possui respaldo bíblico. Ele defende que tais proibições são, na verdade,

³⁶ Bíblia Sagrada. I Jo 5.4-5

³⁷ Livro de Atas da Assembléia de Deus. Santa Rosa. 10 de Mar. de 2000, p. 30.

[...] fruto do autoritarismo inconsequente de homens e que, na Bíblia, Deus não assume uma postura condenatória quando relata o uso de joias e adornos. Há vários trechos nas Escrituras em que tanto os patriarcas quanto outras personagens da fé (inclusive o próprio Deus Pai no Antigo Testamento, Jesus e os apóstolos no Novo Testamento) não apenas usaram joias, mas também aprovaram o seu uso. Deus inúmeras vezes se valeu de metáforas nas quais se inseriram joias, roupas caras e adereços, a fim de simbolizar sua bênção para o seu povo. (GONDIN, 1999, p. 36)

Os membros da Assembléia de Deus, de maneira geral, buscam resistir às tentações que são condenadas pela denominação e se afastar das “coisas do mundo”, sobretudo os elementos tidos como sensuais e imorais que afetam seus princípios religiosos. Dessa forma, o crente vai em sentido contrário aos “padrões dominantes, bastante apelativos na sua divulgação através da mídia que propugna padrões hegemônicos de moda e de estilo de vida” (COUTO, 2001, p. 124). Os crentes assembleianos assumem, portanto, uma posição de resistência cultural, adotando um discurso de separação de algumas práticas mundanas e sentindo-se orgulhosos por serem diferentes, mesmo havendo, em certos casos, dissidências que geram conflitos e punições:

Nesse sentido, os assembleianos sinalizam a ideia de resistência cultural, de resguardar uma cultura duramente construída, pois sempre execrada pela sociedade mais ampla. Este posicionamento levou-os a serem diferentes e a gostarem de serem no consciente propósito de diferenciarem da religião majoritária criando signos e símbolos que dessem sentido as interdições do mundo secular e lhes emprestasse uma identidade. (COUTO, 2001, p. 124)

O conjunto de costumes da Assembléia de Deus é para o crente “uma forma de se encontrar, de entender seu cotidiano a partir da experiência construída na comunidade religiosa, possibilitando uma afirmação e uma situação de pertencimento” (SILVA, 2009 p.52), sendo, portanto, um instrumento de coesão do grupo.

3.2 A disciplinarização e a representação do pecado

De acordo com a Bíblia Sagrada o pecado é responsável por afastar os seres humanos de Deus. Ao longo de sua existência, a igreja evangélica Assembléia de Deus se apossou de um discurso baseado na representação do pecado, propagado através de costumes e doutrinas, para disciplinar seus fiéis.

Clari Couto ao analisar alguns significados que a palavra pecado possui observa que, de maneira geral, o mesmo é visto como uma transgressão da lei divina, ou seja, algo que fere os princípios bíblicos e conclui que, estando os usos e costumes fora do campo dos pecados, visto que se trata de construções humanas, a Assembléia de Deus criou seu próprio conceito de pecado baseado na “ausência de respaldo teológico” que dura até os dias atuais “devido ao medo de perder o controle sobre um sistema normativo racionalizado e pela hesitação em criar novas bases”. (COUTO, 2001, p. 111)

O pastor Jorge Bernardes, de Santa Rosa, enfatiza que não observar os costumes da igreja não é pecado, pois:

Tem costumes que são temporais, então tem costume que passa, por exemplo, tem costume que antigamente era pecado e que hoje não é pecado. Então na verdade o costume hoje é apenas uma marca para identificar uma igreja³⁸.

Portanto, na visão do pastor Jorge Bernardes os costumes estão suscetíveis a transformações, sendo por isso que não segui-los não implica em uma prática pecaminosa. Contudo, segundo ele, os fiéis que “quebram” alguns costumes não são vistos pelos demais membros do grupo como um seguidor completo, além de ficarem impostos a sanções disciplinares e impedidos de assumir cargos de liderança³⁹.

A questão dos usos e costumes pode ser entendida como um modelo de conduta dos assembleianos, através dos quais, visava-se disciplinar os fiéis. Buscava-se através de “restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso” (SILVA, 2003, p. 35), criar um modelo de crente estereotipado que se diferenciava de indivíduos que professavam outras religiões, principalmente a católica, ou seja, os assembleianos deveriam ser reconhecidos através de seus trajes e postura, pois são através destes hábitos que os fiéis ganham reconhecimento no grupo religioso.

A partir dessa perspectiva, Bourdieu afirma que habitus:

são sistemas de disposições duráveis e transferíveis, estruturas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações que podem ser objetivamente adaptados a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-lo, objetivamente “reguladas” e “regulares”,

³⁸ Entrevista com Jorge Bernardes, pastor da Assembléia de Deus em Santa Rosa, concedida em 13 de agosto de 2012.

³⁹ Entrevista com Jorge Bernardes, pastor da Assembléia de Deus em Santa Rosa, concedida em 13 de agosto de 2012.

sem ser o produto da ação organizadora de um regente. (BOURDIEU, 1980, p. 88)

Portanto, segundo Bourdieu, os indivíduos do mesmo grupo social seguem padrões de condutas semelhantes sem a necessidade de haver um acordo para isso. Nessa perspectiva, entende-se que o *habitus* é a maneira através do qual os sujeitos se reconhecem em seu ambiente social, sendo que os costumes funcionam como uma espécie de identidade para os fiéis e é usada como um símbolo de pertencimento ao grupo. Sem eliminar, contudo, a existência de conflitos internos.

A aceitação dos usos e costumes por grande parte dos membros da Assembléia de Deus é justificada pela contínua propagação da ideia de que a obediência a Deus está completamente ligada ao cumprimento das regras comportamentais estabelecidas pela igreja. De acordo com o pensamento assembleiano o amor de Deus está também condicionado ao cumprimento dos padrões de comportamento.

Absorver as normas de conduta da igreja e se afastar dos pecados mundanos significa levar uma vida santa e em sintonia com Deus, seguindo a exortação presente no livro de 1 João 2:15-17:

Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não procedem do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente.

A partir do texto bíblico acima se pode identificar uma característica marcante do discurso protestante que prega a “necessidade de afastamento do mundo, mesmo apresentando esses religiosos, cada vez com maior intensidade, uma integração com todos os aspectos da sociedade global” (MENESES, 1995, p. 19), adentrando nos vários extratos sociais, políticos, econômicos e intelectuais. Para justificar essa relação os evangélicos fazem uso do argumento de que vivem “no mundo”, mas não são “do mundo”. Pregam que a missão do crente no campo mundano é de buscar redimir a cultura que os rodeia.

Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte; Nem se acende a candeia e se coloca debaixo do alqueire, mas no velador, e dá luz a todos que estão na casa. Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus. (Mateus 5:13-16)

Nesse sentido, os cristãos se veem como “sal da terra” e “luz do mundo”. Devem ser exemplos para todos que estão ao seu redor e, ao mesmo tempo devem lutar contra o mal e a corrupção da sociedade, como afirma o superintendente Edvaldo Santo de Jesus ao se dirigir aos fieis da Assembléia de Deus em Santa Rosa:

[...] o crente é a luz do mundo e onde há luz as trevas não predominam. Para o crente brilhar neste mundo tem que ter o óleo de Deus na vida e fazer aquilo que Ele mandar, para que o nome do Senhor seja glorificado. Quando Jesus nos colocou como cabeça foi para estarmos por cima e não para sermos pisados pelos homens e nem tão pouco sermos humilhados. Devemos ter muito zelo pela nossa coroa, muito cuidado para não deixarmos roubar o que temos de mais precioso que é Jesus Cristo⁴⁰.

O apelo do Superintendente é para que os fieis adotem uma postura de rejeição às coisas seculares, pois representam o oposto de Deus. O crente deve fazer a diferença neste mundo e zelar para que a palavra do Senhor seja preservada. Nesse sentido, fica evidente que a relação do cristão com o mundo é bastante conflituosa, sendo que ele deve se manter sempre na defensiva, buscando interpretar as mensagens ocultas expressas pelo mundo.

Em uma lição bíblica que é usada como fonte de estudos na escola dominical da Assembléia de Deus em Santa Rosa pode-se verificar o alerta da aproximação entre a igreja e as práticas pecaminosas do mundo:

A influência desse mundanismo que se exorta na forma de apelo, fascínio, mistura, prazer e imitação, resulta em perda dos valores e virtudes cristãs, no enfraquecimento e estagnação da igreja. Nesse estado a Igreja torna-se uma mera organização eclesiástica, sem vida e sem poder de Espírito Santo. Os fundamentos da fé se abalam e por fim desabam. Nos mais diferentes lugares, percebe-se a sutil e crescente infiltração do mundanismo na igreja sob a forma de conceitos, comportamentos e práticas anticristãs. (CPAD, Lição Bíblica Jovens e Adultos, 4º trimestre de 2005, p. 52)

A leitura do fragmento acima demonstra o apelo para que o crente se mantenha afastado do “mundanismo”, sendo que “a igreja deve primar pela ortodoxia bíblica, não permitindo que os modismos, baseados em experiências pessoais sejam colocados acima dos princípios das Sagradas Escrituras”. (CPAD, Lição Bíblica Jovens e Adultos, 2º trimestre de 2011, p. 89)

Nessa perspectiva, entende-se que a Assembléia de Deus buscava, através dos usos e costumes, inculcar no comportamento dos fieis valores e normas comportamentais que deveriam estimular a obediência e mantê-los longe das paixões do mundo. Sendo

⁴⁰ Ata da Assembléia de Deus de Deus de Santa Rosa. 12 de Nov. de 1999, p. 25.

que, portanto, os usos e costumes servem como instrumento de disciplina, visto que, através deles é imposta uma série de restrição aos crentes ensinando-lhes o que é certo ou errado e os separando do mundo. Assim, se um fiel desobedecer algum costume será certamente questionado acerca da sua vida espiritual e se realmente é crente.

3.3 Doutrinas e costumes: a fragilidade das fronteiras

Os assembleianos veem demonstrando ao longo do tempo, através de suas práticas, que nem sempre é uma tarefa fácil separar doutrina e costume. Sendo a primeira de caráter permanente e universal, constituindo-se em “verdades reveladas por Deus aos homens e imutáveis no tempo” (SILVA, 2003, p.28); e o segundo, transitório e “passível de mudança”. (SILVA, 2003, p.28)

Clari Couto ao analisar o que os líderes da Assembléia de Deus pensam sobre costume e doutrina conclui que o discurso de alguns desses líderes está permeado de contradições, pois ao mesmo tempo em que reconhecem que os costumes são criações humanas fortemente influenciados por aspectos temporais, regionais e sociais eles se mantêm contrários às mudanças ocorridas dentro das igrejas, classificando-as “como inovações, aberrações, distorções, desvios, corrupção e estragos na área de doutrinas, costumes, usos e práticas”. (COUTO, 2001, p. 85)

Esse paradoxo também pode ser verificado na fala do pastor da Assembleia de Deus em Santa Rosa, que defende que “a função dos usos e costumes nada mais é do que identificar um grupo, personalizar uma denominação e identificar valores que congregam com aquela determinada pessoa” e que “difícilmente, hoje, alguém é punido por questões de usos e costumes”. Sendo difícil confirmar a colocação do pastor, pois nas Atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa não há a descrição dos erros cometidos pelos fieis que receberam punições. Além disso, ao mesmo tempo ele deixa claro que os membros que não absorvem as regras comportamentais do grupo passam a ser vistos de maneira diferente pelos demais membros e ficam impedidos de assumir algum cargo dentro da igreja. Defende, também, que a observância dos costumes pode contribuir no processo de santificação do crente.⁴¹

Portanto, ao mesmo tempo em que esses religiosos entendem os costumes como construções humanas e passíveis de mudança, se posicionam a favor dos mesmos e

⁴¹ Entrevista com Jorge Bernardes, pastor da Assembléia de Deus em Santa Rosa, concedida em 13 de agosto de 2012.

reconhecem a sua importância para a denominação e para a construção do caráter cristão dos adeptos.

Dentro da grande parte das igrejas assembleianas existe uma forte resistência em discutir questões referentes aos usos e costumes, sobretudo, devido ao fato dos líderes religiosos adotarem uma posição de protetores e defensores de tais regras comportamentais, pois é através dos mesmos que conseguem manter um determinado controle sobre os fiéis e assumir o “poder de julgar o caráter ético de qualquer pessoa, de dar um parecer, de ser temido pelos fiéis ‘subversivos’”. (COUTO, 2001, p. 102)

Os usos e costumes fazem parte da tradição da Assembléia de Deus e a partir da transmissão e ensino tornaram-se um procedimento corriqueiro na vida dos fiéis. Esse conjunto de normas que foi disseminado e propagado, ao longo dos anos, com base numa seleção de textos da Bíblia vem, aos poucos, sendo questionado devido às especificidades existentes nesse meio evangélico e pelas diversas interpretações que o texto bíblico pode possuir. A própria convenção da Igreja não impôs um conjunto de costumes a ser seguido por todos os adeptos, como afirma Claudio José da Silva:

Diante da realidade que se tem descortinado pelas novas leituras que os novos pastores têm feito em relação aos usos e costumes nesta igreja, a Convenção da igreja Assembleia de Deus não definiu um padrão de conduta para os fiéis de maneira prática, pois na concepção da convenção, os usos e costumes fazem parte do dia a dia de cada igreja e criar uma lei que valha para todas as igrejas se torna difícil. Todas as vezes que isso é apresentado em convenções gera polêmicas e conflitos e não se chega a um consenso. (SILVA, 2003, p,19)

As Revistas Bíblicas dominicais são as principais fontes doutrinárias dos assembleianos, pois possibilitam a transmissão dos padrões e costumes absorvidos pelo grupo. A Revista Lições Bíblicas do 4º trimestre do ano de 2006, direcionada para jovens e adultos é exemplo dessa questão, pois trouxe o seguinte comentário:

Doutrina não são costumes. Todos já ouvimos essa frase. No entanto a boa doutrina, quando corretamente interpretada, gera costumes bons e saudáveis. Consequentemente, um povo que ignora as verdades bíblicas assimilará os costumes do Egito e de Canaã [...]. Por conseguinte quanto mais doutrinados forem os crentes, mais os seus costumes conformar-se-ão à Palavra de Deus. [...]. No Salmo 119, pergunta Davi; ‘Como purificará o jovem o seu caminho?’ Responde o salmista: ‘Observando-o conforme a tua palavra’. Não podemos, portanto, dissociar os bons costumes da doutrina. Como aqueles dependem desta, logo: a boa doutrina gera, necessariamente, os bons costumes”. (CPAD, Lição Bíblica Jovens e Adultos, 4º trimestre de 2006, p. 05)

O discurso acima, elaborado para legitimar e justificar as tradições assembleianas equipara costume e doutrina, mostrando que um não é menos importante que o outro. Portanto, entende-se que foi justamente através de discursos como este que foi sendo construída uma forte relação entre costume e doutrina, tornando-se, muitas vezes, difícil identificar ou estabelecer uma fronteira entre os dois.

Nesse contexto é oportuno fazer um diálogo com o reverendo Ricardo Gondim:

Algumas igrejas evangélicas assumiram uma postura restritiva de usos e costumes; hoje já não se diferencia a doutrina de Deus da doutrina dos homens. Será que Deus condena mesmo o uso de adornos, joias e de roupas mais bem ajustadas ao tempo e à cultura do povo? A Bíblia contém referências claras afirmando que Deus não se agrada dos assuntos relacionados com vestimentas? Respondemos que não. (GONDIN, 1999, p. 35)

Ricardo Gondim defende que as proibições impostas por algumas denominações através dos usos e costumes são fruto de ações humanas autoritárias, movidas por interesses individuais. Além disso, afirma também que a Bíblia não faz referências a condenações impostas por Deus a pessoas que faziam uso de joias e adornos.

3.4 Usos e costumes como padrão de identidade do crente da Assembléia de Deus

As normas comportamentais propagadas pela Assembléia de Deus visam, sobretudo, diferenciar seus membros em relação aos de outras igrejas, sendo, por isso, identificados como um padrão de identidade. A partir da organização dos assembleinos em torno dos costumes há o entendimento de que eles formam um grupo que possui uma cultura própria, visto que a denominação atua no sentido de criar um mundo próprio para seus fieis, “não só do ponto de vista ético (não beber, não fumar, não jogar bola, não ir ao cinema, não assistir TV etc), como do ponto de vista de uma rotina de vida” (SILVA, 2003, p. 36), contribuindo para o fortalecimento da diferenciação social, separando os crentes dos não crentes. E. P. Thompson, ao trabalhar o conceito de cultura, ressalta que a mesma:

[...] é um termo emaranhado, que, ao reunir tantas atividades atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas. Será necessário desfazer o feixe e examinar com mais cuidados os seus componentes: ritos, modos simbólicos, os atributos culturais da hegemonia, a transmissão do costume de geração para geração e o desenvolvimento do costume sob formas historicamente específicas das relações sociais e de trabalho. (THOMPSON, 1998, p. 22)

Nesse sentido, Thompson não pensa cultura como um mero reflexo do campo econômico. Ao discutir o conceito de cultura, ele estabelece uma relação com a noção de experiência, no sentido de que ela é formada dentro das práticas sociais e da vida material. A utilização da noção de experiência é condição para que os diferentes sujeitos possam construir suas histórias, trajetórias e identidades.

Essa perspectiva abre caminhos importantes para se entender a organização cultural dos assembleianos, visto que, os mesmos estão agrupados em torno de costumes em comum que foram propagados por intermédio das crenças, hábitos, comportamentos e valores do grupo.

As regras comportamentais da Assembléia de Deus servem também para ligar um grupo de pessoas e formar uma identidade, fazendo com que seus membros percebam “sua existência dentro de uma sociedade onde as pessoas cada vez mais se recolhem para dentro de si” (COUTO, 2001, p. 122). Nesse contexto, a igreja surge como um espaço propício para a criação de laços de solidariedade, principalmente devido a falta de confiança nas instituições públicas e das transformações na estrutura familiar.

No caso da Assembléia de Deus o fiel passa a desfrutar de um espaço coletivo que, mesmo estando o indivíduo sujeito punições e sanções, oferece bases morais dentro de uma sociedade marcada por uma profunda inversão dos valores cristãos. Dentro da religião o fiel vai encontrar um espaço de solidariedade em uma sociedade excludente. Cartaxo Rolim ao tratar dessa questão coloca que:

Aqui cabe considerar alguns aspectos trazidos pelo pentecostalismo que já implantaram no grupo inicial dos batistas: orações coletivas espontâneas, cada um orando com suas próprias palavras, crentes podendo pregar nas igrejas e não apenas os pastores, depoimentos, acolhimentos fraternal dada pelos integrantes do grupo aos visitantes, cânticos, simples crentes lendo a Bíblia (não importava se soletravam) e também pregando. Esse conjunto de elementos tocava a sensibilidade de simpatizantes, bem acolhidos à entrada do templo. Tudo isso ia ao encontro da população pobre. Aos poucos, esta vai descobrindo que sua linguagem e maneira de falar é a dos pregadores; há também uma nova igreja, o púlpito oferecido a todos e não só aos pastores. (ROLIM, 1994, p.30)

A Assembléia de Deus ao emergir no Brasil conseguiu conquistar a simpatia das massas populares que viviam à margem da sociedade sofrendo devido à “opressão e violência no trabalho, além da falta de assistência médico-social proveniente do governo” (CORREA, 2006, p. 45). Essas pessoas, que estavam distante do catolicismo

oficial, encontraram no ambiente social da denominação alento e conforto diante de suas situações desesperadoras.

Mesmo sabendo que estavam sujeitos a punições e sanções, caso desobedecessem as regras de conduta da igreja, tais pessoas se inseriram voluntariamente dentro do grupo religioso, pois este lhe oferecia esperanças de superar suas precárias condições de existência.

Alguns fragmentos das Atas da Igreja Assembléia de Deus de Santa Rosa demonstram que o espaço coletivo da igreja oferece um ambiente de conforto e aconchego espiritual para o fiel:

Que este salmo nos demonstra a confiança do crente em Deus e que a igreja é o esconderijo do crente, é onde ele se refugia para falar com o Senhor e também ouvi-lo, é onde encontra conforto espiritual e resolução para os seus problemas⁴².

A manutenção da identidade do assembleiano através dos costumes sinaliza “a ideia de resistência cultural, de resguardar uma cultura duramente construída, pois sempre execrada pela sociedade mais ampla” (COUTO, 2001, p.124). O crente deve se afastar das “coisas do mundo” e ser diferente das demais pessoas que não professam a mesma fé.

Para o assembleiano, o mundo, por seu caráter profano, é o lugar por excelência onde ele deve dar seu testemunho. Mesmo se tratando de uma religiosidade intramundana, a dicotomia sagrado e profano, tão presente em toda a história do Cristianismo, torna, para essa vertente, o mundo como síntese da igreja, no qual se deve atuar em santificação. A igreja, por outro lado, é o lugar da adoração”. (SOUZA, 2010. p, 129)

Ao rejeitar algumas práticas e valores da sociedade mundana, que contradizem com os padrões ensinados pelos pioneiros da Assembleia de Deus desde a sua fundação, os fieis criaram diversos valores simbólicos que contribuíram para suas formações identitárias. À medida que a igreja agrega significados às pessoas criam elementos importantes para a redefinição de suas identidades.

Trechos do livro de Atas da Assembléia de Deus de Santa Rosa revelam o papel preponderante que é dado ao padrão de comportamento do crente no mundo para demonstrar a sua fidelidade à Deus: “Ainda ensinou que nós cristãos devemos ter uma

⁴² Livro de Atas da Assembléia de Deus. Santa Rosa. 08 de Jan. de 1999, p, 14.

linguagem sã, irrepreensível, para que o adversário de nossas almas se envergonhem e não tenham o que falar dos Santos”⁴³.

Portanto, na visão assembleiana o crente deve ter uma postura diferenciada no mundo. Para tanto foram desenvolvidas diversas regras comportamentais que além de objetivar a separação do fiel das práticas mundanas também atuaram no sentido de criar uma identidade própria.

3.5 Costumes: debates e questionamentos

Apesar da grande resistência por parte dos líderes religiosos, a doutrina dos usos e costumes da Assembléia de Deus vem, aos poucos, sofrendo várias mudanças e questionamentos no decorrer dos anos. Nesse aspecto, Claudio José da Silva expressa que:

[...] esta forma de identidade Assembleiana está sendo pouco a pouco e com algumas exceções, flexibilizada ou adaptada aos novos valores, em alguns casos, está sendo simplesmente abandonada por algumas igrejas, e ou, crentes. (SILVA, 2003, p. 52)

A manutenção da tradição dos usos e costumes na Assembléia de Deus ocorreu, em alguns momentos, com surgimento de conflitos e discordâncias no interior das igrejas, causando desgastes na relação com os fiéis. Tais regras comportamentais tem sido, por diversas vezes, questionadas, contudo para grande parte dos membros da denominação estas normas de conduta se constituem em uma identidade fundamental para diferenciar os crentes das demais pessoas, tal como aponta o pastor Jorge Bernardes que considera essas regras “de suma importância porque elas caracterizam a igreja. E uma das formas que demonstra ou que identifica um assembleiano por incrível que pareça são os usos e costumes”⁴⁴.

Todavia, o que se percebe é que essa identidade tem sido alvo de vários questionamentos ao mesmo tempo em que os costumes, por vários fatores, enfrentam mudanças e conflitos profundos, levando os fieis a questionarem o que é certo e o que é errado.

⁴³ Livro de Atas da Assembléia de Deus. Santa Rosa. 19 de Dez. de 2001, p, 40.

⁴⁴ Entrevista com Jorge Bernardes, pastor da Assembléia de Deus em Santa Rosa, concedida em 13 de agosto de 2012.

A Assembléia de Deus em Santa Rosa também enfrenta conflitos relacionados aos padrões de comportamento. Nas entrevistas feitas se pode perceber um diálogo conflitante dos membros na maneira como encaravam os usos e costumes e um descontentamento com relação aos padrões de comportamento, como é explicitado na fala de Thaíse Araújo: “Eu acredito que os costumes deveriam ser abolidos. Por que acabaria com a ideia de que a forma como você se veste interfere na espiritualidade das pessoas. A vida dos assembleianos em Santa Rosa precisa ser alicerçada na oração e na Bíblia e não nos costumes”.⁴⁵

Muitas pessoas defendem que as regras que são colocadas pela denominação aos fiéis deveriam ser revistas, pois “os verdadeiros preceitos do cristianismo reclamados por Lutero foram menosprezados em favor de uma ética conservadora-anacrônica” (COUTO, 2001, p. 97). Nesse aspecto Ricardo Gondin coloca que:

Pela falta de fidelidade à Hermenêutica, muitos textos da Bíblia são lidos e comumente distorcidos para se moldarem à doutrina de uma denominação. Às vezes, violam-se regras básicas e, quando fica óbvio demais a ponto de não ser possível o uso da Bíblia para autenticar doutrinas humanas, advoga-se que estas advêm da tradição da igreja. Tais doutrinas, por assim desejarem seus sectários, devem ser obedecidas por seus membros sem quaisquer indagações”. (GONDIN, 1999, p. 55)

Para que o indivíduo seja incorporado à Assembléia de Deus ele deve seguir se enquadrar nas regras comportamentais, caso contrário sofrerá diversos tipos de sanções. Alguns, por não suportar as pressões de uma nova mudança exterior acabam optando pela saída da igreja:

Sei de muitas jovens que hoje vivem longe de suas igrejas e totalmente indiferentes à mensagem do evangelho porque sofreram exclusões e disciplinas públicas quando foram vistas usando calças compridas, um colar ou até mesmo brincos. (GONDIN, 1999, p. 04)

Hideljarde Silva Almeida, ex-membro da Assembléia de Deus em Santa Rosa, diz que os costumes foram um ponto fundamental para a sua saída da denominação, pois na medida em que aprofundava suas leituras bíblicas pôde perceber que tais regras comportamentais em fruto de imposição humana e não algo recomendado por Deus. Hoje, congregando na igreja evangélica Batista ela declara que a questão dos usos e costumes deve ser revisto, pois:

[...] a igreja tem perdido muitos membros por causa disso. Porque assim, eu tive maturidade de analisar o Bíblia direitinho e eu queria mesmo estar na igreja, eu queria mesmo fazer parte do corpo de Cristo

⁴⁵ Entrevista com Thaíse Araújo da Silva, concedida em 20 de setembro de 2012.

e eu fui para outra igreja, procurei outra igreja. Mas tem gente que não vai por isso e acaba saindo e não ficando em nenhuma. Então eu acho que a igreja tem perdido membros, tem perdido pessoas por causa desse tipo de coisa. E, muitas vezes, prefere perder uma alma a mudar essa questão de costume⁴⁶.

Essas premissas evidenciam que a consolidação do conjunto de padrões característicos da denominação está acima da doutrina bíblica, pois o que se percebe é a imposição, sobretudo, de uma mudança de fora para dentro, visto que, se dar maior importância à aparência exterior do crente.

As entrevistas colhidas com os membros da Assembléia de Deus de Santa Rosa demonstram que há entre eles o consenso de que os costumes são construções humanas, mas a grande maioria ainda associa o cumprimento das regras comportamentais à obediência à Palavra de Deus. Nem mesmo a necessidade e o desejo de conquistar mais adeptos fazem com que os líderes assembleianos mudem o discurso conservador com relação aos usos e costumes. É comum ouvir pessoas confessando que sentem vontade de aderir à igreja, mas as sanções e proibições as impedem de fazer isso. Outras se convertem, mas não se adaptam aos costumes da Assembléia e acabam saindo da denominação:

As regras éticas e comportamentais da Assembléia de Deus influenciaram bastante a minha saída da comunidade. A partir do momento que eu passei a conhecer de verdade a Palavra de Deus eu vi melhor no texto bíblico como era essa questão. Porque quando a gente tá iniciando na fé a gente deixa ser levado por tudo, a gente aceita tudo o que dizem. E a partir do momento que eu comecei a conhecer eu vi que não era nada daquilo que me diziam quando eu comecei a frequentar a igreja. Eu era nova convertida e aceitava tudo o que o povo dizia e até defendia isso. Mas depois que eu comecei a conhecer a Palavra vi que não era daquele jeito. Vi que os costumes eram coisas de homens, que não importa para Deus. O que Deus realmente quer é que sejamos regenerados no nosso modo de viver, no nosso modo de lidar com o outro, de viver em harmonia com todo mundo. Deus não está preocupado com essas coisas, claro que devemos manter a decência, mas o uso de calça ou saia na vai levar ninguém para o céu ou para o inferno.⁴⁷

Existe, portanto, uma condição para participar do grupo, baseada, sobretudo, na mudança do aspecto físico do indivíduo, o que evidencia certa contradição, pois se o papel da igreja é levar a palavra de Deus até os ímpios fazendo com que se arrependam de seus pecados e adotem um estilo de vida santificado, apenas a fé não é suficiente

⁴⁶ Entrevista com Hideljarde Silva Almeida, concedida em 02 de setembro de 2012.

⁴⁷ Entrevista com Hideljarde Silva Almeida, concedida em 02 de setembro de 2012.

para que isso ocorra. É necessário que estes adotem as regras comportamentais exigidas pela denominação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo deste trabalho o universo pentecostal da Assembléia de Deus em Santa Rosa é marcado por um forte vínculo com elementos do Sagrado. Percebe-se isto a partir de suas crenças, representações de mundo e padrões de comportamento.

Inserida no movimento pentecostal a Igreja Evangélica Assembléia de Deus estabeleceu, ao longo de sua história, uma forte crença no batismo pelo Espírito Santo, na salvação eterna e na segunda vinda de Cristo. Pautada na utilização de textos bíblicos, a denominação desenvolveu um padrão de santidade e de separação do mundo que lhe possibilitou a formação de um conjunto de normas de comportamento bastante peculiar.

Buscando opor-se a outras formas de religiosidade, a Assembléia de Deus elaborou um conjunto de normas que visavam criar um padrão de identidade diferenciado para seus fiéis. Através de um padrão de conduta e de postura altamente conservador foi criado um modelo ideal de crente que se diferenciava dos adeptos de outras religiões.

O conjunto de usos e costumes adotados pela denominação se constitui em uma maneira de conservar a identidade assembleiana em um mundo marcado pela pluralidade e pela heterogeneidade. Entretanto, como vimos ao longo do trabalho, atualmente esse padrão de comportamento tem sido alvo de diversas críticas por parte dos membros da igreja, sendo que muitos deles propõem uma revisão sobre os costumes da Assembléia de Deus. Além disso, o grupo também é fortemente influenciado pelas transformações do ambiente social em que estão inseridos.

A expansão assembleiana começou pelas áreas mais pobres do Brasil, onde encontrou fatores favoráveis para o seu desenvolvimento. A sua pregação conquistou a simpatia de pessoas das camadas mais humildes que encontraram um espaço de socialização e de ajuda para as suas necessidades.

A Assémeia de Deus, ao mesmo tempo em que estabelece aos seus fiéis uma liberdade de culto através do livre pronunciamento nas reuniões e igualdade entre os membros, também os sujeita a uma rígida vigilância e controle doutrinário. As regras

comportamentais a que os membros estão submetidos foram elaboradas pela cúpula da igreja e os encaminham a uma visão de mundo muito fechada. Além disso, na estrutura interna do grupo há uma hierarquia consolidada que deve ser respeitada por todos os membros.

A expectativa para este presente trabalho é que ele possa contribuir para a construção da história local, ainda incipiente. O estudo da história da religião é de extrema importância, pois facilita a compreensão de questões relacionadas ao comportamento, aos costumes e às visões de mundo das pessoas, visto que a religião, enquanto formadora de elementos culturais e ideológicos, mantém uma forte interação com outros aspectos da realidade humana, tais como poder e gênero.

Foi constatada a importante presença da Assembléia de Deus no povoado de Santa Rosa. A denominação assumiu a liderança no campo religioso da localidade graças a uma pregação centrada na oferta de bens de salvação, prosperidade e aconchego espiritual. Através do discurso assembleiano foram sendo criados novos sentidos e referências de vida, contribuindo, dessa forma, para a formação das identidades dos fiéis. A religião passou, portanto, a ser um forte elemento de integração e de demonstração das expressões coletivas.

Entretanto, apesar da análise das fontes ter possibilitado a abrangência de diversos aspectos sobre a Assembléia de Deus ainda existem limites para a generalização dos dados encontrados. Ainda há, portanto, diversos caminhos a serem percorridos sobre o tema abordado, tais como a relação com os assembleianos com os adeptos da religião católica e aspectos relacionados às questões de gênero.

O objetivo principal desta pesquisa foi discutir os usos e costumes e suas expressões refletidas em práticas de solidariedade e punições, verificadas no interior do grupo religioso a partir da documentação utilizada.

FONTES

- Orais

- Entrevista com Martina Florinda de Assis concedida ao pastor Edvaldo Santos, s/d. Duração 1h e 16min;
- Entrevista com Lígia Carmo Silva, 16 de março de 2012. Durante 6 min;
- Entrevista com Lígia Carmo Silva, 18 de abril de 2013. Durante 23 min;
- Entrevista com Gilberto Lopes de Oliveira, 22 de março de 2012. Durante 13 min.
- Entrevista com Jorge Bernardes, 13 de agosto de 2012. Durante 20 min;
- Entrevista com Thaíse Araújo da Silva, 20 de setembro de 2012. Durante 27 min;
- Entrevista com Ronaldo Oliveira, 02 de outubro de 2012. Durante 19 min;
- Entrevista com Hideljarde Silva Almeida, 02 de setembro de 2012. Durante 25 min.
- Entrevista com Rosiele Silva Almeida, 28 de março de 2013. Durante 25 min.

- Escritas

- Livro de Atas das reuniões dos membros da Assembléia de Deus de Santa Rosa (1998 a 2007).
- Lições Bíblicas. Revista de uso dominical da AD com textos de leituras diárias para serem debatidas na Escola Dominical.
- MASCARENHAS, Jacione Oliveira. A Assembléia de Deus de Santa Rosa – manuscrito – 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2005.
- ALVITO, Marcos. Nós contra o mundo. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Ano 8, n. 87, p. 27-29, dez. 2012.
- ANDRADE, Moisés Germano de. *Uma História Social da Assembleia de Deus: a conversão religiosa como forma de ressocializar as pessoas oriundas do mundo da criminalidade*. Mestrado em Ciências da Religião. Recife: UNICAP, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo. Ed. Perspectiva. 2007.
- BOURDIEU, Pierre, *Le sens pratique*. Paris: Minuit, 1980.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro. Bertran Brasil, 1990.
- CONDE, Emílio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro. CPAD. 2000.
- CONRADO, Flávio. *Mudança no campo religioso. Mudança na “sociedade civil”:* religião, assistência e cidadania. *Revista Eletrônica da Faculdade Batista do Rio de Janeiro*. Ano 1, n. 3, abr. – jun. 2009.
- CORREA, Maria Aparecida Oliveira dos Santos. *Alterações das Características Tradicionais da Igreja Assembleia de Deus: Um estudo a partir do bairro Bom Retiro em São Paulo*. Pós-Graduação em História. São Paulo: PUC, 2006.
- COUTO, Clari. *Orar e vigiar: o poder disciplinador da religião como representação do pecado na AD de Conceição do Coité, 1970 a 1990*. UEFS. 2001.
- GONDIN, Ricardo. *É Proibido: o que a Bíblia permite e a igreja proíbe*. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.
- FERREIRA, Sara Silva dos Santos. *O papel da mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana (1949 – 1980)*. UEFS. 2008.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Foucault e a análise do discurso em educação*. Caderno de pesquisa, v. 114, p. 197-223. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 26 de maio de 2013.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1948.
- FRESTON, Paul. *Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao impeachment*. Doutorado em História. UNICAMP. 1993.

LÉONARD, Émile G. *O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. Tradução: Lineu Schützer. 2ª ed. Rio de Janeiro e São Paulo. JUERO/ASTE. 1981.

LOPES, Deivis Vânio. *A organização eclesiástica de Assembléia de Deus em Canos/Rs*. Dissertação de mestrado. PUCRS. 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura*. Rev. USP, São Paulo, n. 74, ago. 2007. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-99892007000300013&lng=pt&nrm=iso>; Acesso em: 01 fev. 2012.

MENESES, Jonatas Silva. *A participação política de igreja evangélica Assembleia de Deus no estado de Sergipe: Estratégias e ações para um projeto político*. Dissertação de mestrado. UFBA. 1995.

MINA, Adréia Mandes de Souza. Pentecostalismo e alteridade: a demonização do outro no discurso da Assembleia de Deus. *Revista Esboços*, Santa Catarina, v. 11, n. 11. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/434/9868>>. Acesso em: 27 de abril de 2013.

NOVAES, Regina Reyes. Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vincent (org.). *Religião e Cultura popular*. São Paulo: DP&A, 2001.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América latina*. Petrópolis: vozes, 1994.

SILVA, Carlos José da. *A doutrina do usos e costumes na Assembleia de Deus*. Mestrado em História. UCG. 2003.

SILVA, Célia Santana. *Identidade feminina na Assembleia de Deus*. Disponível em: <<http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/203.pdf>>. Acesso em: 10 de maio de 2013.

SILVA, Elizete da. *Cidadãos de outra pátria: anglicanos e batistas na Bahia*. Tese de Doutorado. USP. São Paulo. FFLCH-USP. 1998.

SILVA, Igor José Trabuco da. *“Meu Reino não é deste mundo” – A Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972 – 1990)*. Mestrado em História. UFBA. 2009 (Dissertação de Mestrado)

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

SOUZA, Bertone de Oliveira. *Uma perspectiva histórica sobre construções de identidades religiosas – A Assembléia de Deus em Imperatriz - MA (1986-2009)*. Mestrado em História. UFG. 2010.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum. Estudo sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.